

Ingestão de corpos estranhos aumenta 35,8% na pandemia

Moedas, brinquedos e até pequenos ossos de galinha acabam sendo engolidos por crianças e adultos, que precisam de intervenção médica para poder retirar o objeto. [Página 6](#)

Foto: Mano de Carvalho/Secom-PB



Capacitação para auxiliar venezuelanos

Profissionais que trabalham na assistência aos indígenas venezuelanos em João Pessoa e Campina Grande recebem curso de formação do Governo do Estado. [Página 15](#)

Foto: Roberto Guedes

Nas pegadas da história

Nas antigas edificações, é possível encontrar pistas das batalhas que se desenrolaram em João Pessoa ao longo dos anos. [Página 17](#)

Almanaque



Diversidade

CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Água à vista Paraíba passa a integrar a Aliança Tropical de Pesquisa da Água, que procura soluções para problemas relacionados à água em ecossistemas tropicais. [Página 16](#)

Foto: Mano de Carvalho

Entrevista

Foto: Arquivo



Eleições 2020 Presidente do TRE diz que medidas serão adotadas para reduzir tempo de votação. [Página 4](#)

Paraíba

Ciganos podem ter terras regularizadas em Sousa

Eles estão na cidade há mais de 40 anos e ação conjunta pretende legalizar o direito à terra de 2.500 pessoas. [Página 5](#)

Trabalho na pandemia afeta a saúde física e emocional

Muitos se dizem esgotados com a "invasão" do ambiente doméstico pelas obrigações profissionais. [Página 7](#)

Geral

Foto: Marcus Antonius



Aglomerado Cresce o movimento em praças de JP, mas população ainda precisa manter o distanciamento. [Página 3](#)

Diversidade

Estuários paraibanos estão ameaçados pela poluição

Áreas de encontro do rio com o mar são importantes fontes de diversidade, mas enfrentam a degradação. [Páginas 13 e 14](#)

Paraíba

GIRO NOS MUNICÍPIOS

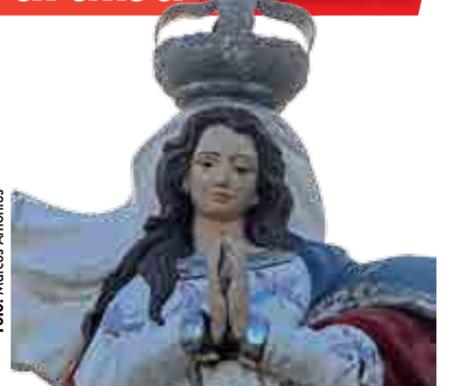


Foto: Marcus Antonius

A terra do abacaxi Religiosidade e economia são dois pontos fortes da cidade de Pedras de Fogo. [Página 8](#)

Cultura

Do mundo!

Produtor de discos de Elba e Zé Ramalho, a carreira de Robertinho do Recife é tema de um documentário que estreia nesta segunda-feira. [Página 9](#)



Foto: Divulgação

Hildeberto Barbosa vê a banda passar

"Poucas coisas me comovem tanto como os dobrados da infância, uma banda de música, uma praça, um coreto, uma retreta, enfim, todo um repositório de valor simbólico que se transmuta em finos e preciosos cristais da memória afetiva". [Página 11](#)

Outubro Rosa

Mês de combate ao câncer de mama.



Um toque pela prevenção

Editorial

Da natureza

Um domingo pode ser aproveitado de diversas maneiras. Faça sol ou faça chuva, esteja quente ou frio, no Brasil ou no Japão, para quase todo mundo é possível parar alguns minutos para contemplar a natureza. Esse esplendoroso conjunto, composto de formas, cores e sons, os mais variados, que se estende para muito além de onde a vista e a compreensão humanas alcançam.

Da janela de uma casa simples, ou da varanda de um luxuoso edifício, no campo ou na cidade, é fácil perceber a incrível diversidade de vidas que coabitam e interagem com a espécie humana, nesta maravilha que se denominou de natureza, e que hoje muitos preferem chamar de meio ambiente, referindo-se ao planeta Terra, a casa comum de todos os seres vivos.

É possível refrear por alguns minutos os maus pensamentos, observando a mutação do céu, ora de um azul infinito, ora enfeitado de nuvens, cujas formas e cores mudam a toda hora. E se à frente dos olhos estiver o mar, a natureza se torna ainda mais vigorosa, e é possível pensá-la e ouvi-la como uma orquestra, da qual participam o vento, as ondas, as aves e os coqueiros.

Pessoas gostam tanto de natureza que é raro ter alguém que não a tenha dentro de casa, seja cultivando plantas, seja criando animais (pássaros presos em gaiolas não é uma imagem muito ecológica). Às vezes, não se tem plantas ou bichos dentro de casa, mas a reprodução de uma casa, ao lado de um bucólico riacho, revela que ela está presente, mesmo simbolicamente.

Como diria um chefe índio, a natureza faz parte do ser humano e o ser humano faz parte da natureza. Tudo o que é vivo é fragmento de uma grande unidade. Até o que é inanimado integra esse todo. Por isso, incorre em crime quem mata, sem necessidade, plantas ou animais. Na verdade, está contrariando a sua própria essência, atacando a si próprio, contrariando a sua unicidade.

O desafio jamais superado pela humanidade é exatamente o de ajustar o progresso material com a preservação da natureza. Deter a onda transformadora é difícil, mas a ação individual é a pedra que se coloca no dique. Portanto, quanto mais pessoas tomarem consciência da importância da natureza, mas a represa se fortalece, até poder deter a insanidade.

Artigo **Martinho Moreira Franco**
martinhomoreirafranco46@gmail.com | Colaborador

O governo, o Natal e a TV

Não dá três minutos de leitura, tenham paciência! São apenas duas histórias que sobram domingo passado no registro sobre as relações entre governo e TV na época em que atuei na Secom estadual. A primeira, talvez vocês já conheçam, por haver caído no domínio público, tantas vezes foi impressa e também circulado em conversas jogadas fora. Adquiriu foro de piada, vá lá que seja, mas é rigorosamente verdadeira, de tal modo que nunca foi contestada. Teve como cenário o gabinete governamental no Palácio da Redenção e como personagens o próprio chefe do Executivo, Wilson Braga, e o seu secretário de Comunicação Social, Luiz Augusto Crispim.

Já se passara então a primeira quinzena de dezembro e nem sinal da mensagem de fim de ano do governador, tradição ainda dos tempos de Pedro Gondim, salvo engano. Nada fora sequer discutido, muito menos escrito para publicação nos jornais e divulgação na mídia eletrônica. Crispim toma a iniciativa:

- Wilson, o Natal está chegando e não começamos a preparar a mensagem do governo.

(Calma, gente, não existia o Armazém Paraíba nem Amazon sonhava em gravar o jingle que viraria arroz de festa anos depois...). Wilson cortou na hora:

- Pode deixar que vou pedir a Gonzaga pra redigir.

Crispim procurou terra nos pés e não encontrou:

- Como é a história?! Eu sou jornalista, escritor, sou secretário de Comunicação e você pede para Gonzaga Rodrigues redigir a mensagem do governo? Estou sem enten-

der a desfeita. Por que você vai fazer isso?

Do alto do exercício da sua autoridade e com a objetividade que lhe era peculiar, o governador foi curto e grosso:

Ô, Luiz, deixa de ser tolo! Não há desfeita nenhuma, por favor.

- Mas, por que Gonzaga vai redigir a mensagem? - insiste o secretário.

E Wilson, encerrando o papo:

- É porque o Neguinho tem o meu estilo.

A segunda historinha remete a outro final de ano, envolve igualmente a mensagem natalina do Palácio da Redenção, só que no primeiro governo de Tarcísio Burity. É, portanto, anterior à narrada acima. Adivinhem, porém, a quem o secretário Carlos Roberto de Oliveira pede para redigir o texto? Ele mesmo: Gonzaga Rodrigues - que timbra a redação com o habitual selo de qualidade. E o Neguinho

caprichou no esmero poético, sou testemunha. Tanto que Carlos Roberto convocou Francisco Mozart, assessor especial da Secom, vindo da agência de propaganda Grupo Nove, do Recife, e o autorizou a viajar ao Rio de Janeiro para gravar a mensagem com Cid Moreira. D&aacu te; pra imaginar o nível da gravação? Pois Mozart voltou do Rio, rodou a fita cassete com a voz do locutor da Rede Globo e, movido por intensa emoção, disse ao secretário:

- Quando terminou de ler o texto, Cid Moreira estava com os olhos cheios de lágrimas.

Chico Nove, como era conhecido na Secom, devido à origem do seu trabalho no Recife, foi rebatizado na hora como Chico Dez.

Adquiriu foro de piada, vá lá que seja, mas é rigorosamente verdadeira, de tal modo que nunca foi contestada.

Artigo **Sitônio Pinto**
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

O vaqueiro e o Doutor

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo não perdia oportunidade nem ocasião para dizer que era paraibano da serra de Umbuzeiro. A água do Orondongo, que bebera quando jovem, não fora bastante para matar sua sede telúrica. O que Chateaubriand ganhava com isso? E os paraibanos menos ainda. O mais remediado era Newton Rique, do Banco Industrial de Campina Grande, mas não sei se Doutor Assis era correntista dele. Foi de muitos bancos.

Lembro-me que Doutor Assis esteve presente à inauguração da agência do BICG no Rio de Janeiro, envergando sua pilcha de paraibano: alpercatas, calças de couro, peitoral, gibão e chapéu de couro, da aba curta - chapéu de vaqueiro, que o outro é de cangaço. Pronto para pegar à unha o barbatão que se extraviasse. Mas formiga sabe a folha que corta, e o grande vulto encourado era respeitado pelos brutos.

Lembre-se que o Doutor era jagunço, não cangaço.

Meu pai não gostava de vaquejadas, apesar do seu umbigo enterado no curral. Achava a vaquejada uma brincadeira cruel e perversa. Sete contra um: o vaqueiro, o cavalo e cinco desocupados na mão que dá o puxão da vaquejada, a mussica na cauda da vítima, para ela tombar formidavelmente em cima da lista. Aí o vaqueiro se apeia para agrade-

cer os aplausos. Não dispensava o salamaleque que os levantinos depositaram no Industrial.

Otávio Pinto vaquejava a pé, enfrentava a rês bravia com um porrete de jucá ou qualquer outro pau de dar em doido. Unha mão no chifre e a porretada da venta do brabo (a) - que podia ser uma novilha recém parida, não tem mais brava. Já vi uma novilha parida arregaçar o vaqueiro hercúleo no encontro das cercas do curral. Acho que o sansão só escapou porque os donos da rês rezavam muito. Eram Severino e Alcide Loureiro, proprietários do Colégio Alfredo Dantas, de Campina Grande, compadres de meus pais, que apadrinharam João Loureiro.

Você conhece manhas de computador? Este aqui está com uma de deletar, de marcha a ré, os caracteres que acabo de digitar, um por um, sistematicamente, nas minhas barbas. Já fez isso várias vezes. Ou, então, deleta quando estou dormindo, um artigo inteiro.

O tio Zé Pinto, fundador e editor da revista Paraíba Enigmística, é quem poderia dar uma explicação. Mas Tio Zé já foi para Aruanda. O jeito vai ser apelar para Alexandre meu filho, analista de sistemas da Honda - PB.

Ele tem curso de montagem e manutenção de computadores. Mas a demora é ele chegar aqui, pois "em casa de ferreiro o espeto é de pau".

Meu pai não gostava de vaquejada, achava-a uma brincadeira cruel e perversa.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigele Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Praças ficam cada vez mais cheias com a flexibilização

João Pessoa possui cerca de 200 áreas de lazer ao ar livre, que têm registrado aglomerações em alguns horários

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Com a flexibilização do isolamento social, as pessoas voltaram a frequentar locais públicos, como as praças. Seja para fazer exercícios, brincar com as crianças, ou levar animais para passear, o fato é que, em João Pessoa, esses locais estão ficando cada vez mais movimentados e apresentando aglomerações em determinados horários. No entanto, a recomendação da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) continua sendo de distanciamento social e uso obrigatório de máscaras.

Ao todo, João Pessoa tem 200 praças registradas, segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. Devido ao período de pandemia, a população tem preferido locais abertos e arejados para o lazer e realizar exercícios e

caminhadas. A Praça da Paz, por exemplo, é uma das favoritas das pessoas que moram na Zona Sul da cidade. No entanto, devido ao pouco espaço, é possível perceber aglomerações no local.

A reportagem de A União esteve na Praça da Paz no fim da tarde da última terça-feira, dia 29, e percebeu uma grande quantidade de pessoas. A dona de casa Maria José, de 37 anos, foi uma das pessoas que decidiu voltar a frequentar locais públicos. Ela comentou que precisou retornar há poucas semanas devido a necessidade da sua filha autista. "Minha filha é autista, o pai dela já passou dos 60 e eu tenho problemas respiratórios, então estamos tomando cuidado e saindo apenas para locais abertos. É uma questão de necessidade porque a criança autista não entende que precisa ficar em casa o dia inteiro,



Foto: Marcus Antonius

Cuidados com o uso de máscaras e o distanciamento social continuam recomendados

nos primeiros meses foi muito difícil", contou.

Já na Praça Assis Chateaubriand, em Manaíra (conhecida como Praça da Rotam) havia o respeito ao distanciamento social, principalmente por ter um espaço mais amplo. No entanto, a grande maioria de pessoas que estavam no local eram da faixa etária de

risco da covid-19, como crianças e idosos.

O engenheiro metalúrgico aposentado, de 65 anos, Arnaldo Romanus, comentou que não dispensou as suas caminhadas durante o período de pandemia, a não ser quando foi obrigado pelas autoridades. "Eu nunca parei em momento nenhum, eu e a minha esposa

sempre vínhamos caminhar, mesmo nos momentos mais críticos. Ficando dentro de casa, só nós dois, é pior ainda, principalmente pessoas com mais idade, que não recebem visitas, podem ficar depressivas. Não estou com medo de sair, em hipótese alguma. Quem tem medo é porque tem muita culpa na consciência e tem medo de morrer", disse.

O músico Fábio Domingos, de 33 anos, conta que, por morar em apartamento, sair com o filho de 1 ano e cinco meses se tornou algo necessário. Apesar dos riscos do contato com outras crianças, ele conta que não tem medo, pois acredita que todos estão tomando os devidos cuidados de proteção. "Estamos voltando a sair agora todos os dias, mas com todos os cuidados. A gente mora em apartamento e eu acredito que ele (seu filho) tem muita energia para gastar,

então a gente precisa descer com ele. Eu não tenho medo porque acho que a gente está aí para fazer o melhor para as nossas crianças, todos os pais e mães aqui tomam os seus devidos cuidados, então a gente tem fé nisso, enquanto não tiver uma vacina será assim", comentou.

Já a técnica de enfermagem Lourdes Paulino, de 55 anos, avisou às suas amigas, que geralmente a acompanhava nas caminhadas do fim da tarde, que ela iria voltar a fazer exercícios sozinha. Ela precisou voltar a praticar atividades físicas há poucas semanas devido a sua saúde, mas não dispensa se proteger. "Estou com muito medo, mas tive necessidade. Estava afetando a minha saúde, eu ficava sedentária, ansiosa dentro de casa. Mas estou saindo com cuidado, já falei para as minhas amigas que iria caminhar só", contou.

Como garantir as medidas de segurança à saúde e manter a etiqueta

Laura Luna
lauraragoo@gmail.com

Encontrar um amigo na rua e não poder abraçar, esse é apenas um dos exercícios que a pandemia causada pelo novo coronavírus está nos forçando a fazer. E há de se pontuar que não é fácil para um povo caloroso, que faz amizade até em fila de banco, se manter afastado do outro e evitar o contato. Mas esse não é o único embaraço decorrente da covid-19, mais complicado ainda é administrar a falta de senso de algumas pessoas que parecem viver em um mundo à parte, sem pandemia.

Com o processo de flexibilização em curso, situações delicadas são cada vez mais comuns. Mas como tê-los na medida, sem aparentar grosseria ou rigidez, mas,

principalmente, levando em conta a segurança e a saúde pessoal e do outro.

Ana (nome fictício) viveu uma situação delicada há pouco tempo. Ela conta que ainda está evitando sair de casa mas que foi convidada para um aniversário que, a priori, teria apenas as três pessoas da família moradoras do local. "Quando chegamos (se referindo à companhia da filha de três anos e meio), tinha um grupo de amigos da aniversariante e eu parei na porta mesmo". Como o evento era de parentes, a entrevistada conta que questionou sobre os demais convidados e ouviu que eram pessoas que estavam "tomando cuidado". "Eles só saem para isso e para aquilo"... e aí já têm contato com outras pessoas, que têm contato com outras e por aí vai. Não me senti

segura". Ela lembra que explicou com clareza todos os motivos à anfitriã e que da porta mesmo voltou. "Eita, fui meio rude, né?", pondera.

Uma dona de casa, que também prefere não se identificar, diz que precisou ser ríspida em alguns momentos. Maria (nome fictício) conta que por mais de uma vez precisou se posicionar à frente do carrinho de supermercado, na fila do caixa, para "forçar" o distanciamento. "Ela praticamente colou em mim e eu fiquei muito incomodada. Foi quando peguei o carrinho que estava na minha frente e passei para trás para afastar a pessoa de mim". Em outra ocasião, enquanto acompanhava a mãe idosa, que precisou comprar uma capa para o aparelho celular, Maria conta que chegou a puxar o aparelho da mão do vendedor. "Ele

já tinha vendido a capa, já tinha pego em dinheiro e sem necessidade pegou o celular da minha mãe. Aí eu não aguentei, peguei da mão dele, pedi licença e fui esperar minha mãe fora da loja", disse.

Para a fundadora da Academia Nacional de Etiqueta, Sandra Azevêdo, o momento é de empatia e de cuidado mútuo. "No caso do aniversário, a anfitriã deveria ter ligado para informar sobre a presença de outras pessoas, muito embora o indicado seria não mudar os planos. O segundo caso é preocupante porque vemos a falta de respeito do outro, que não deveria estar tão perto na fila do supermercado". A etiqueta preventiva foi abordada pela entrevistada em um evento on-line realizado recentemente. "Etiqueta não é frescura, é educação e está fazendo

a diferença nesse momento".

Sandra Azevêdo dá dicas para quem se depara com uma situação de violação dos cuidados com a saúde e se sentir incomodado. "Primeiro que todos sabem como devem agir, todos os cuidados são amplamente divulgados. Então se você estiver em uma praia e um grupo sentar próximo o interessante é se retirar, se afastar mesmo, mas se houver oportunidade pode se iniciar uma conversa elegante, sem ser desafiadora, é interessante que se possível a conversa seja educativa".

E nunca é demais destacar o que as autoridades sanitárias recomendam, inclusive em tempos de flexibilização: usar máscara de proteção, manter o distanciamento e não esquecer de higienizar sempre as mãos.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

BOLSONARO TENTA DAR UMA MARCA SOCIAL À SUA GESTÃO PARA TENTAR A REELEIÇÃO EM 2022



Foto: Divulgação

O presidente Jair Bolsonaro (foto) hesitou, para dizer o mínimo, em efetivar o auxílio emergencial para atender às pessoas que ficaram desassistidas, economicamente, por causa da pandemia. Somente após muita pressão do Congresso, ele resolveu apresentar proposta para essa demanda que, no entanto, foi considerada insatisfatória – seria um auxílio de R\$ 200,00 por apenas três meses –, porém prevaleceu a proposta da oposição, que elevou o valor para R\$ 600,00. Até então, a gestão não dava prioridade às políticas de assistência social que fizessem frente ao combate à pobreza no país. Porém, ocorre que Bolsonaro identificou que o chamado coronavoucher estava alavancando a sua popularidade e que poderia ser um trampolim para as suas pretensões de tentar a reeleição em 2022. E, para isso, decidiu dar uma marca social ao seu governo, com a proposta de criar o Renda Cidadã para substituir o Bolsa Família – uma marca dos governos petistas. Estudos mostram que as políticas sociais, especialmente o Bolsa Família, foram decisivas para as vitórias de Lula e Dilma Rousseff. Na maioria dos estados em que o programa teve impacto maior na participação da renda, Dilma obteve votação mais expressiva. Sabedor dessas estatísticas, Bolsonaro agora quer seguir a mesma cartilha, embora a assistência social não seja uma postura orgânica de seu governo. Parece mais ser uma conveniência política, com vistas às eleições de 2022.

PROGRAMA SEM RECURSOS

O problema é que para a criação de sua marca social, o Renda Cidadã, o governo Bolsonaro quer cobrir um santo para descobrir outro, como se diz popularmente. A proposta é retirar recursos do Fundeb para custear o programa, ideia que vem sendo rechaçada por Congressistas, inclusive por aliados do presidente.

"A CHANCE É ZERO"

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM), já avisou que essa proposta não passará em hipótese alguma pela casa. "Não existem votos para tirar dinheiro da Educação para o programa Renda Cidadã. Ninguém vai fazer isso", garantiu, ao ser provocado por jornalistas. Existe uma mínima possibilidade? "Chance zero", respondeu.

DECISÃO NESTA PRÓXIMA SEMANA

Nesta próxima semana, entre segunda-feira e terça-feira, o juiz da 64ª zona eleitoral, Fábio Leandro de Alencar, deverá decidir se defere ou não o registro de candidatura de Anísio Maia (PT) à Prefeitura de João Pessoa – a impugnação da candidatura foi pedida à Justiça Eleitoral pelo Ministério Público Eleitoral (MPE).

CONVENÇÃO FOI ANULADA

O pedido do Ministério Público Eleitoral para que a candidatura de Anísio Maia seja impugnada tem por base a anulação, pela Executiva nacional do PT, da convenção municipal que homologou o seu nome como candidato. Logo após comunicar a decisão, a cúpula petista indicou Antônio Barbosa como candidato a vice na chapa de Ricardo Coutinho (PSB).

GUERRA JURÍDICA CONTINUA

O diretório do PT de João Pessoa não baixou a guarda no caso da briga jurídica que trava para manter a candidatura de Anísio Maia: entrou com um pedido de impugnação da candidatura de Ricardo Coutinho (PSB). A justificativa: alega que a indicação de Antônio Barbosa como candidato a vice na chapa do socialista transgrediu a convenção municipal.

TCE ALERTA PARA FIXAÇÃO DE SUBSÍDIOS DE VEREADOR

O presidente do TCE, conselheiro Arnóbio Viana, encaminhou aos presidentes de Câmaras Municipais da Paraíba ofício circular em que ressalta a obrigatoriedade de serem definidos os subsídios dos vereadores para a próxima legislatura antes das eleições municipais deste ano. "Medidas são essenciais ao atendimento das normas constitucionais", afirmou.

José Ricardo Porto,
Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba

“Esperamos diminuir a média de tempo de votação”

Em entrevista ao Jornal A União, presidente do TRE diz que medidas adotadas devem reduzir permanência de eleitores nas seções

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Com o primeiro turno previsto para 15 de novembro e o segundo turno marcado para o dia 29 daquele mês, as eleições em 2020 são para a escolha dos representantes municipais, sendo eles: prefeitos, vice-prefeitos e vereadores. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral, em todos os 223 municípios do Estado da Paraíba, 12.342 registros de candidaturas foram solicitados, dentre os cargos a serem votados.

Já com relação ao eleitorado, dados do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-PB) demonstram que 2.966.763 dos paraibanos estão aptos a votar e devem exercer seus direitos nas urnas. Do total, 1.398.989 são do sexo masculino e 1.567.774 do sexo feminino. Já a distribuição por idade aponta que o maior número de eleitores aptos está entre 18 e 40 anos, com 1.436.030. O restante se distribui como: até 17 (46.640), 41 a 55 (775.800), 56 a 69 (465.080), 70 a 79 (176.421) e acima de 79 anos com 66.792.

A pandemia da covid-19 é um fator preocupante, principalmente com a proximidade das eleições. O atual presidente do TRE-PB, José Ricardo Porto, explicou ao Jornal A União quais as adaptações serão feitas nas zonas eleitorais, e no pleito como um todo, para garantir medidas efetivas de segurança sanitária. Além disso, o desembargador ainda falou sobre as expectativas para o fim de seu mandato dias antes das eleições e o combate à política negacionista que visa pôr dúvidas acerca do processo eleitoral.

A entrevista

Neste ano, o Brasil e o mundo vivenciam a pandemia do novo coronavírus, que mudou as rotinas devido às medidas de distanciamento social a fim de evitar o contágio da covid-19. Qual será o maior desafio das eleições municipais 2020 dentro desse cenário?

■ São dois grandes desafios: o primeiro é fazer cumprir os protocolos de segurança sanitária, com vistas a preservar a saúde de eleitores, mesários e auxiliares da Justiça Eleitoral, e o segundo é assegurar a legitimidade do processo eleitoral apesar das limitações e inovações acarretadas pela pandemia.

Pensando nessa readequação da votação para o contexto atual do Brasil, como estão os preparativos para o pleito aqui no Estado da Paraíba?

Os preparativos estão em pleno andamento. Esperamos re-

ceber do TSE, ainda esta semana, os EPIs e demais recursos necessários à segurança sanitária, que serão distribuídos para as Zonas Eleitorais.

E o que é possível esperar de novidade?

■ De novidade, posso citar o período ampliado para a votação, que ganhou mais 1 hora, o horário preferencial para votação de maiores de 60 anos, e, é claro, a ausência da coleta biométrica. Além disso, poderá ser usado o aplicativo “e-Título” para a Justificativa Eleitoral. Do lado dos candidatos e partidos, esperamos uma campanha muito mais criativa e com absoluto respeito à lei e às medidas de segurança sanitária. A Justiça Eleitoral está fazendo a sua parte para realizar esta eleição. Espero que os candidatos e partidos também deem a sua contribuição.

Foto: Elza Fiúza/Agência Brasil



Desembargador José Mário Porto tem o desafio extra de preparar as eleições municipais na Paraíba em meio à pandemia de covid-19

Para que a eleição ocorra com toda biossegurança necessária, qual a estrutura que os eleitores podem esperar para o dia da votação?

■ Estamos providenciando o fornecimento de álcool gel em locais de votação, organização das filas a fim de assegurar o distanciamento mínimo, redução de pontos de contato entre eleitores e mesários, etc.

Devido às medidas de segurança sanitária, há uma expectativa de que os eleitores possam demorar mais para concluir o processo de votação em comparação às eleições municipais anteriores?

■ Esperamos que haja diminuição na média de tempo de votação, pois o fluxo foi alterado justamente para esse fim. Por exemplo, o documento de identificação deverá ser exibido à distância, não haverá biometria e o comprovante de votação será entregue apenas mediante solicitação.

A Justiça Eleitoral está conseguindo suprir os mesários que estão inclusos nos grupos de risco com voluntários? Como é possível se voluntariar?

■ Estamos conseguindo suprir sim. A campanha de Mesário Voluntário está sendo um sucesso, de forma que, por hora, não estamos preocupados com eventual déficit desses preciosos colaboradores. Estamos evitando convocação de maiores de 60 anos e o treinamento está sendo realizado,

“O documento de identificação deverá ser exibido à distância, não haverá biometria e o comprovante de votação será entregue apenas mediante solicitação.”

de forma prioritária, à distância.

*O cadastro para o voluntariado acontece através do site do Projeto Mesário Voluntário: https://mesario.tre-pb.jus.br/mesario_voluntario/.

Existe uma parcela da população que critica o sistema eleitoral vigente em nosso país,

“Para os que desconfiam da credibilidade do processo eleitoral, sugiro a leitura do levantamento feito pelo IDEA Internacional, que aponta o Brasil como um dos países mais avançados do mundo nesse quesito.”

inclusive questionando a credibilidade do processo. Como a Justiça Eleitoral se posiciona diante desses questionamentos?

■ Para os que desconfiam da credibilidade do processo

eleitoral, sugiro a leitura do levantamento feito pelo Instituto Internacional para a Democracia e a Assistência Eleitoral (IDEA Internacional), sediado em Estocolmo, Suécia, que aponta o Brasil como um dos países mais avançados do mundo nesse quesito, com a quase totalidade do eleitorado fazendo uso do sistema eletrônico de votação e com o conhecimento dos resultados das eleições poucas horas após o encerramento da votação. Sugiro, também, a leitura, no site do TSE, da aba “Segurança das eleições informatizadas”, onde se encontram informações sobre “mitos e verdades” do processo eletrônico de votação.

Com o mandato encerrando poucos dias antes das eleições, qual a sensação de estar preparando uma eleição que será comandada por outro membro do Judiciário? Qual a expectativa para o próximo presidente e o que deve ter de continuidade do mandato atual?

■ A sensação é de dever cumprido e de alegria por ter conseguido desenvolver uma gestão totalmente alinhada com o próximo presidente, o desembargador Joás de Brito Pereira. Conseguimos trabalhar em verdadeira parceria, de modo que a sociedade pode ficar tranquila quanto a essa transição. A responsabilidade de um gestor deve ser voltada ao bem servir à sociedade e isso precisa ser observado independentemente das circunstâncias.



Foto: Marcus Antonius



Ciganos de Sousa podem ter terras regularizadas

Ação conjunta tem objetivo de regularizar situação fundiária de 2.500 pessoas que estão há mais de 40 anos na cidade

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Os cerca de 2.500 ciganos, de acordo com estudos realizados pela Universidade Federal da Paraíba, em julho deste ano, que vivem de forma fixa no município de Sousa, na Paraíba deverão ter o local onde moram há mais de 40 anos, regularizado. O Ministério Público Federal (MPF), em parceria com a Companhia Estadual Habitação Popular (Cehap), e a Prefeitura de Sousa, vão realizar um levantamento topográfico na região, que deve ficar pronto até dezembro deste ano. O objetivo é legalizar o direito às terras desse povo, que faz com que Sousa seja o maior contingente de ciganos do Nordeste e o segundo do país, ficando atrás apenas de Campinas, em São Paulo.

Ainda na década de 1970, a região com aproximadamente 9,5 hectares, do bairro Jardim Sorrilândia, em Sousa, foi dada de forma oral a cerca de 140 famílias de ciganos. O local, até então distante da cidade, permaneceu esquecido até os últimos anos que, com o crescimento da região, ganhou valorização imobiliária.

De acordo com o procurador regional dos Direitos do Cidadão, José Godoy, com as diversas tentativas de retirá-los do local, o MPF decidiu regularizar a situação. "Infelizmente a especulação imo-

biária cresceu os olhos. Era um lugar que não tinha valor e agora passou a ter. Os empresários começaram a invadir e a tentar, de alguma maneira, mais correta, empurrá-los para mais distante ainda. Um cercou e disse que era dele, o outro cercou de lá e disse que era dele, e eles vêm fazendo isso de uma forma muito corriqueira, o que nos obrigou a tomar medidas", disse.

A partir da delimitação da área, os ciganos poderão ter as suas terras registradas

em cartório e não serão mais ameaçados de saírem do local onde vivem há mais de quatro décadas. "Com essa delimitação a gente vai saber justamente o espaço para não ser algo apenas de 'ouvir dizer'. Toda essa área será georreferenciada e registrada em cartório para que haja limites claros e segurança jurídica. Para que não seja só mais uma ocupação ou mera permissão da cidade de Sousa. Essa situação será formalizada para o bem da Paraíba, de Sousa, que tem

que reconhecer todos os povos que compõem a diversidade da Paraíba", enfatizou Godoy.

Para realizar esse trabalho, vários estudos realizados pela Cehap serão utilizados. Segundo o procurador, há um projeto de construção de casas e áreas de lazer para os ciganos, no entanto, a falta de regularização das terras não permitiram sequer que ele saísse do papel. "Contamos com os estudos técnicos que a Cehap já havia feito naquela área. Há algum tempo queremos realizar construções

e melhorias nas residências, mas estávamos tendo dificuldade de incrementar esse projeto justamente pela falta de regulamentação fundiária", explicou.

Através do projeto, a Cehap realizou estudos que apresentam a delimitação da área, através de drones, o que irá contribuir para o levantamento topográfico da região. De acordo com a presidente da Cehap, Emília Correia Lima, após a regularização, o projeto deverá ser concluído.

"A necessidade desse levantamento é para mostrar o que eles precisam de terra e que é deles. Com essa titulação, pode-se fazer os projetos para construir as moradias e fazer uma moradia da condição de vida deles. São terrenos que foram dados a eles pela história. Os herdeiros não têm conhecimento disso, eu não estou fazendo nenhuma acusação. Mas eles estão lá, todo mundo é testemunha que eles estão lá há mais de 40 anos", disse.

Jurista reafirma direito do povo cigano a seus territórios

Para o ex-vice procurador da República, Luciano Mariz Maia, que acompanha a luta dos ciganos de Sousa há cerca de 30 anos, segundo a lei, não há discussão sobre o direito de permanecer em suas terras. "A Constituição determina que, quem possuir como seu lote urbano de até 250 m², após 5 anos na posse se torna proprietário desse lote. Essa luta pelo reconhecimento do direito à propriedade vem de muito tempo. Especificamente para tratar disso, estive acompanhando colegas do Ministério Público Federal em audiência pública realizada na sede da Câmara dos Vereadores de Sousa em outubro de 2013. Há farta do-

documentação nos órgãos federal, estadual e municipal (e também em empresas prestadoras de serviços) que testificam essa posse", ressaltou.

Luciano Maia comentou sobre os motivos que fizeram com que essa população, no decorrer dos anos, fosse vista como um problema por aqueles que tentam retirá-los do local onde vivem há décadas. "Havia muitos espaços urbanos onde os ciganos conseguiam se arrancar, com acesso à água, à sombra de árvores. Traziam novidades, como ferramentas, utensílios domésticos, tecidos, animais, e muita diversão (música, dança, leitura da sorte). Eram muito esperados em cada

lugar que chegavam. Com a urbanização intensa, e a construção de estradas, o modo de vida dos ciganos perdeu, para a sociedade, muito de sua utilidade. E suas presenças se tornaram um embaraço", explicou.

Uma das consequências disso foi o fato de os ciganos deixarem o estilo de vida nômade. "Isso pressionou para o processo de sedentarização. É que o nomadismo cigano é o exercício de uma atividade econômica. Os ciganos circulam em busca de novos mercados. Ou dos mercados consumidores dos seus serviços e bens", completou.

Na opinião do jurista, os ciganos são um dos grupos

mais atingidos pelo preconceito e práticas discriminatórias e racistas. Ele ressaltou que é preciso assegurar harmonia e justiça social a todos. "A diversidade humana é um bem. O modo de ser e viver dos ciganos tem dado contribuições variadas a toda a sociedade de Sousa, da Paraíba e do Brasil. É preciso ensinar a população não cigana a conhecer a cultura cigana – para além do preconceito -, e fazer com que as autoridades reconheçam, respeitem e protejam os direitos dos ciganos", enfatizou.



Foto: Ascom/MPF



Muitos ciganos perderam sua característica nômade e permanecem fixos

História começa no período da colonização

Atualmente, existem 3.670 ciganos na Paraíba, são cerca de 734 famílias morando de forma fixa no Estado. De acordo com a professora doutora da Universidade Federal da Paraíba, Janine Marta Coelho Rodrigues, é provável que esse número tenha aumentado durante o período de quarentena, devido a ciganos que migraram para o Estado para passar a quarentena com familiares. "Fiz um levantamento recentemente, porque eles estão mudando de lugar, saindo e deixando até as casas fechadas e indo para onde eles têm família. Tem muitas famílias de Fortaleza e Pernam-

buco que estão vindo para cá. Precisamos de um tempo, após o período de pandemia, para fazer esse levantamento mais completo", comentou.

A professora explicou que os ciganos chegaram ao Brasil ainda durante o período de colonização. "Eles vieram logo depois do descobrimento. Um cigano veio com a família todinha e a história conta que ele vendia escravos também, por isso que eles eram tão ricos. Ele ficou em Minas Gerais, mas outros ciganos continuaram vindo da Europa. Aqui na Paraíba eles têm dois dialetos, é o shibi, que é falado pelos ciganos

de Mamanguape, Itapororoca, e nessa região de Campina para lá falam calón".

Atualmente, os ciganos da Paraíba não permanecem com a sua cultura nômade. A professora comentou que, no Estado, eles são chamados de "ciganos fixados". "Aqui na Paraíba não tem ciganos nômades. Mas com essa pandemia eles migraram para cidades onde tinham parentes para poder sobreviver. Porque os ciganos, embora morem em cidades, vivem de cantar na noite, nas feiras, fazem troca. Com a pandemia, eles ficaram numa situação muito difícil", disse.

Na opinião da professora, a terra deve ser entregue aos ciganos, por direito. Ainda que sem documentação, a história por si só conta que aquele é o lugar deles. "Impossível alguém não saber, na Paraíba ou na sociedade de Souza, que os ciganos habitam naqueles ranchos há décadas. Embora, talvez, sem documentos físicos, mas a presença deles em Sousa é reconhecida nacionalmente, tanto que o Ministério da Cultura construiu em 2009, o Centro Calon de Desenvolvimento Integral, na comunidade cigana. Esse 'desconhecimento' causa estranheza".

Casos de ingestão de corpos estranhos aumentam 35,8%

Em Campina Grande, atendimentos para retirada de objetos passou de 1.268, em 2019, para 1.722, neste ano

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

“Minha filha Crystina tinha 4 anos e acabou engolindo uma moeda, que ficou presa na traqueia. Passamos a noite no hospital e a moeda foi retirada no dia seguinte, por endoscopia. A tensão foi enorme porque eu só pensava que em algum momento ela ia parar de respirar”. O depoimento da dona de casa Mayra Santos é apenas um entre os inúmeros casos semelhantes que necessitaram de intervenção médica nos dois principais hospitais que atendem urgência e emergência na Paraíba. Só em Campina Grande, o número de entradas de janeiro a ju-

lho aumentou 35,8%, um possível reflexo do maior tempo das famílias em casa em razão da pandemia.

Os dados são do Hospital de Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes e apontam que, na comparação dos primeiros sete meses de 2019 em relação ao mesmo período de 2020, houve um salto de 1.268 atendimentos para 1.722. Em agosto, foram 278 entradas e 276 em setembro, totalizando 2.276. Ao longo de todo o ano de 2019, foram 3.005 atendimentos do tipo na unidade.

Para Mayra, aquela noite parecia interminável e, mesmo sob o olhar médico, ela não dormiu um minuto sequer. “Fiquei com medo que ela vomitasse e isso

obstruísse as vias aéreas. Me senti culpada e irresponsável, chorei muito, mas no final deu tudo certo e voltamos para casa em paz”, contou. A partir daí, a vigilância passou a ser dobrada.

Casos cirúrgicos

O caso da garotinha Crystina foi resolvido com a realização de uma endoscopia, mas há situações em que só é possível retirar o objeto através de procedimento cirúrgico. Foi o que aconteceu com o funcionário público Pedro Cunha, de 55 anos. “Eu estava num dia de lazer e já tinha tomado umas doses. No meio da brincadeira, resolvi mastigar e engolir ossos de galinha. Al-

guns dias depois, comecei a sentir dores que só foram piorando. Cheguei um momento em que não conseguia mais defecar. Não imaginava o que era e só quando procurei um médico descobri que um osso havia ficado no reto e já estava causando infecção”, relatou.

Pedro passou por uma cirurgia de urgência. O osso foi retirado e hoje ele comemora a vida. “Se eu não tivesse buscado ajuda médica, a infecção teria se espalhado e eu não estaria vivo para contar a história. Meu conselho para qualquer pessoa é nunca fazer esse tipo de brincadeira porque pode ter consequências graves e até custar a vida”, ressaltou.

ALGUNS OBJETOS RETIRADOS DE PACIENTES

Peças de brinquedos
Clips
Moedas
Dentaduras
Isqueiros
Pentes
Pregos
Palitos
Chaveiros
Pilhas
Tampas de garrafa
Haste plástica de pirulito
Peças de parafusos.
■ Fonte: Hospital de Trauma Alcides Carneiro – Campina Grande

+ Tentativa de ajuda pode ser fatal

A deglutição de corpos estranhos pode causar óbito quando eles ficam presos nas vias aéreas superiores e um dos erros mais comuns cometidos por quem tenta ajudar é oferecer alimentos. A explicação é do médico Carlos Feitosa, endoscopista e coordenador do Serviço de Endoscopia Digestiva do Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, em João Pessoa (HTSHL), referência em atendimento para retirada de corpos estranhos.

“Muitas vezes, familiares ou pessoas tentam dar alimentos como banana ou água. Nessa tentativa de ajudar, pode ocorrer uma broncoaspiração e levar a óbito”, alertou o médico. Ele lembrou que o Trauma de João Pessoa atende pacientes de todo o estado e, portanto, a orientação é sempre buscar o serviço especializado.

De acordo com o médico, 60% dos atendimentos são em adultos e os objetos estranhos retirados com maior frequência são osso de galinha, espinha de peixe, prótese dentária, palitos,

pregos e até agulhas. Em alguns casos, pacientes com problemas psiquiátricos chegam a engolir canetas e até espetos de carne. Em crianças, as moedas representam a maior incidência, além de pilhas, espinha de peixe, palito de pirulito, brincos.

“Na criança, o quadro clínico principal é a salivação, dificuldade de deglutir, dores na tentativa de deglutição. O exame clínico deve ser complementado por exame radiológico e, após diagnóstico, é feita a endoscopia para retirada”, explicou. O endoscopista lembrou ainda que alguns objetos não ficam presos na garganta e são retirados do esôfago e do estômago por endoscopia.

“Nos casos suspeitos, deve ser imediatamente encaminhado ao hospital de emergência para avaliação, passa pela triagem na pediatria ou clínica médica. O paciente também é avaliado por um endoscopista que verifica os exames e, em seguida, é feita a retirada. Na maioria dos casos, por via endoscópica, sem a necessidade de cirurgia”. Essa indicação, segundo ele, é muito rara.



Em caso de deglutição de corpos estranhos, o ideal é procurar um especialista

Orientações

Procure identificar o tipo de corpo estranho;

Verifique os sinais vitais;

Observe se há algum sintoma, como salivação, principalmente em crianças;

Leve de imediato ao Hospital de Emergência e Trauma para avaliação e retirada;

Nunca ofereça água e alimentos a um paciente engasgado;

Não provoque o vômito, pois a tentativa pode causar broncoaspiração e levar à morte;

Nunca deixe pequenos objetos ao alcance das crianças;

Ao se alimentar, não engula grande quantidade de alimento de uma vez;

Nas refeições, mastigue devagar;

Nunca tente retirar o objeto em casa.

■ Fonte: Carlos Feitosa, endoscopista do Hospital de Trauma de João Pessoa

SAIBA MAIS

Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante.

CAUSA

A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. Esta síndrome é comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes, como médicos, enfermeiros, professores, policiais, jornalistas, dentre outros.

Fonte: Ministério da Saúde

Pandemia tem sido causa de esgotamento mental e físico

Especialistas da área afirmam que este tipo diagnóstico cresceu durante o período de isolamento social

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Começar a trabalhar e não saber qual é o momento em que vai encerrar o expediente e cumprir as demandas. Esta é a rotina atual de trabalhadores das mais diversas áreas e funções em todo o Brasil. Trabalhando remotamente, no chamado home office, ou presencialmente, a pandemia do novo coronavírus impactou não somente na quantidade de afazeres de cada pessoa dentro de seu emprego. Mas também, e mais diretamente, na saúde física e mental.

Ricardo (nome fictício), 23 anos, é professor em duas instituições de ensino em Campina Grande. A rotina que já era desgastante foi agravada com a necessidade de readequação para o sistema de aulas via

Ensino a Distância (EAD). Distante de ver o trabalho facilitado pela exclusão do descolamento entre as ins-

tuições, o professor que preferiu não se identificar por medo de sofrer retaliações é mais um dos bra-

sileiros que agora convive constantemente com o esgotamento físico e mental oriundos do trabalho.

“Aumentou absurdamente. Não tem nem comparação com a quantidade de trabalho que tínhamos antes. Mesmo que o número de aulas tenha sido reduzido, uma vez que as turmas se juntaram, o fato é que agora o formato mudou. As aulas em EAD têm um formato diferente, então temos que pensar em algo diferente e se torna mais trabalhoso. A própria participação dos alunos diminuiu, os debates em salas de aula e discussões. Para que se tenha uma ideia, desde que começou a pandemia, eu não tenho mais feriado, fim de semana ou tempo livre. Todo o tempo está sendo usado para preparar aula, roteirização, produção de slides”, relatou Ricardo.

Para o psiquiatra Luan de Melo Brito, além de casos de ansiedade e depressão, existe também o aumento de casos da Síndrome de Burnout que é um distúrbio psíquico caracterizado pelo estado de tensão emocional e estresse provocados por condições de trabalho desgastantes.

Além do aumento na demanda de trabalho e da adaptação a novos métodos, as reconfigurações nas relações de trabalho exaltam ainda a condição de precarização em que estes trabalhadores estão expostos.

Com o salário mínimo ou remuneração por hora-aula, no caso dos professores, e a alta inflação as condições para viver estão cada vez mais complicadas. E, mesmo com isso, esses profissionais, em sua maioria, precisaram estruturar

as suas casas com bons equipamentos e internet para viabilizar e execução do trabalho. Demanda que gera desgaste e, consequentemente, ansiedade e quadros de depressão.

“Tivemos gastos também. A empresa não deu suporte e todas as melhorias saíram do nosso bolso. Mas é aquelas... ou você melhora, ou fica sem [o emprego]. Percebi ansiedade, insônia, preocupações excessivas se vai dar certo ou não. A própria profissão de professor tem essa pressão, mas agora você sabe que está sendo vigiado e observado por mais gente. Estamos sempre preocupados se a aula foi boa, se está sendo produtiva ou não. E aí nós ficamos olhando para um computador e achando que está dando certo ou não. É bem pesado”, comentou Ricardo.

“Antes da pandemia esse diagnóstico era até raro, mas agora são pelo menos dois por semana. E é geralmente pela carga horária excessiva e com a questão da adaptação à dinâmica porque ninguém estava preparado e habituado para essas mudanças que impactaram demais. Demissões e sobrecarga de função também pioraram muito a saúde mental de quem já tinha e criando problemas em quem não tinha quadros psicológicos que podem afetar diretamente no rendimento do profissional porque ele se prende no sofrimento interno e na falta de atenção. Impacta também em todos os aspectos da vida do paciente. A longo prazo podemos dizer que isso só está começando porque podemos ver impactos da covid-19 no cérebro, como está sendo pesquisado agora”

Luan Melo
Psiquiatra

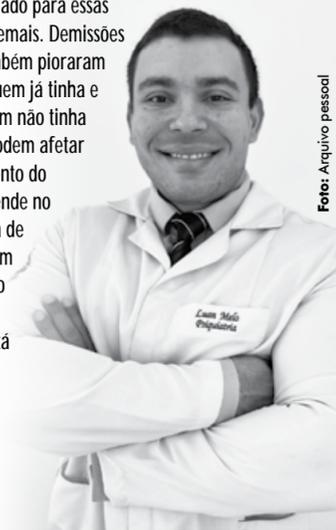


Foto: Arquivo pessoal

+ Medos e incertezas alteram os aspectos psicológicos

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) mostrou que, durante a pandemia, o número de casos de ansiedade, estresse e depressão aumentaram em 80%. E os maiores provocadores dos quadros são o isolamento, preocupação com saúde, trabalho e a morte. A psicóloga Inaiana Costa Gama tem percebido as queixas de cansaço e esgotamento mental, que refletem na situação física, aumentarem. Há ainda o medo do desemprego, já que este é um dos componentes gerados pela covid-19.

“De fato estamos vivendo em um momento em que a sociedade está mais ansiosa e apresentando mais quadros de depressão. Acaba que, como houve uma mudança em toda a estrutura social, isso reflete na estrutura familiar também. Tudo isso gera estresse, pressão e vai refletir na saúde mental dos trabalhadores. Algumas pessoas podem se sentir mais pressionadas a demonstrar maior rendimento por medo de perder o emprego e pelo próprio trabalho remoto. Então é importante que as empresas se responsabilizem pelo bem estar dos funcioná-

rios. Não podemos responsabilizar apenas os indivíduos nesse momento”, afirmou a psicóloga.

Para Inaiana, além de questões relacionadas diretamente ao trabalho, o medo pela contaminação é também um problema. “Muitas pessoas não puderam ficar em casa e precisam trabalhar fora de casa. Algumas pessoas, inclusive, que vão precisar voltar ao trabalho [com as flexibilizações] apresentam quadros de ansiedade. A ansiedade é o medo de que algo ruim aconteça, então quando a pessoa entra em contato com uma situação potencialmente perigosa isso gera medo”, ana-

lisou Inaiana Costa Gama.

O recomendado pelos especialistas é que as pessoas consigam organizar o tempo para que o trabalho não ocupe todos os espaços. Tempo para readaptação familiar com relação às tarefas domésticas e com os filhos, por exemplo, para que ninguém fique sobrecarregado. Prática de exercícios como atividades físicas individuais e yoga também são indicados. Além de uma atenção maior para a alimentação. O consumo de estimulantes como o café deve ser evitado para que a qualidade do sono melhore, evitando insônia, que é também um problema dos trabalhadores.



A psicóloga Inaiana Costa Gama afirma que estamos em um momento de ansiedade e medo do desemprego

Foto: Arquivo pessoal



Pedras de Fogo

Religiosidade e economia são o forte da cidade

A história conta que o nome da cidade tem origem nas rochas vermelhas que, segundo povos indígenas, emitiam vigor, força e energia positiva

José Alves
zavieira2@gmail.com

Tendo como símbolo da religiosidade de seus habitantes, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, e como ponto forte da economia, a agricultura com a produção de abacaxi, o município de Pedras de Fogo, faz parte de um grupo de cidades que levou o Estado a ser o segundo maior produtor de abacaxi do Brasil. O município se limita com a cidade de Itambé (município Pernambucano), e surgiu primeiramente como vila, em razão de uma feira de gado. Situado na divisa entre Paraíba e Pernambuco (Litoral Sul

da Paraíba), a cidade tem uma via larga, onde no meio do calçamento, existe uma linha que divide os dois estados.

A emancipação política do município ocorreu no dia 5 de maio de 1953 e, desde então, tem sido ponto de destaque na historiografia paraibana. O nome Pedras de Fogo está relacionado ao fato de que antigamente o solo era coberto por calhaus, pedras avermelhadas que, ao atritar-se com os cascos dos animais, soltavam faíscas.

Distante aproximadamente 56 km de João Pessoa, Pedras de Fogo tem uma população estimada para 2020, de 28.533 habitantes. Ainda

segundo o IBGE, em 2018 o salário médio mensal era de 1,6 salários mínimos. A taxa de escolaridade em 2010, de 6 a 14 anos de idade, era de 96,8%. Em 2018, 709 alunos estavam matriculados nas 29 escolas de ensino fundamental e nas duas de ensino médio.

De acordo com a história da cidade, um de seus personagens mais ilustres, foi o capitão André Vidal de Negreiros, oficial das tropas portuguesas que expulsaram os holandeses da Província, durante o processo de colonização do Brasil. Pedras de Fogo tem uma extensão de 407 quilômetros quadrados. Mas a exemplo de muitas cidades

interioranas, ainda tem muitas ruas que não são calçadas e muitas calçadas. A cidade também tem muitas unidades habitacionais umas 'coladas' as outras, e boa parte das ruas não tem saneamento básico.

Segundo a professora de história Maria Pereira Gonçalves, primordialmente a cidade foi habitada por indígenas das nações Tabajara e Potiguara. Ela informou que o nome da cidade tem origem nas pedras avermelhadas que emitem energias positivas e protetoras. Diz a lenda que elas aumentam a disposição e o vigor, além da força física e mental das pessoas, eliminando os medos e a timidez.



+ Rua divide cidade paraibana de Itambé (PE)

A história da cidade de Itambé (PE) se confunde com a de Pedras de Fogo (PB). Há registros da ocupação de tropeiros e colonos migrados de Pernambuco para a Paraíba. Esses grupos que conduziam boiadas e outros animais, deram origem a uma feira de compra e troca de animais. Esse fato foi importante para dar origem às duas cidades, que atualmente são divididas por uma rua, e preservam identidades marcadas pela agricultura e comércio. É em Pedras de Fogo que estão os rios Gramame/Mamuaba que abastecem a Capital do Estado.

Antes subordinado ao município de Pilar, Pedras de Fogo foi elevado à categoria de distrito. E depois de passar por muitas turbulências políticas e administrativas entre as classes representativas locais, perdeu a denominação e passou a categoria de vila, por lei estadual. Em 1911, é constituída como distrito, permanecendo nesta divisão até a década de 1930.

No período de 1939-1943, Pedras de Fogo, figura como distrito do Espírito Santo, que passou a se chamar Maguari, e sete anos depois, voltou a se chamar Cruz do

Espírito Santo. Finalmente, em 1953, Pedras de Fogo foi alçada a município deixando definitivamente de ser distrito, de acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Pontos turísticos

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que segundo historiadores começou a ser erguida em 1860 e foi inaugurada em janeiro de 1865, é tombada pelo Patrimônio Histórico da Paraíba. Está situada na área fronteira com Itambé. E é um dos principais pontos de visitação turística da cidade. A matriz fica em frente da principal praça da cidade, que leva o mesmo nome da igreja.

Outro ponto que chama a atenção dos turistas que visitam Pedras de Fogo é o Casarão da Cultura Dom Vital, situado no Centro Histórico da cidade. O casarão oferece diversas oficinas-escolas para o público jovem. Entre as artes oferecidas estão: ballet, teatro, aulas de violão, percussão, flauta, rabeca, dança, pintura e desenho artístico, além de práticas circenses. É no Casarão que também está o Cine Clube, onde após as

sessões, acontecem os debates dos filmes exibidos, com a participação de intelectuais, professores e amantes da sétima arte.

Um dos lugares preferidos para encontros e confraternização dos moradores é o rio conhecido como Prainha, que também é muito visitado por turistas. Uma das festas mais populares da cidade ocorre no mês de junho. É o Forró Fogo. Outra área de eventos e visitação é o Parque Silvio Milanéz, construído em homenagem a um padre local já falecido.

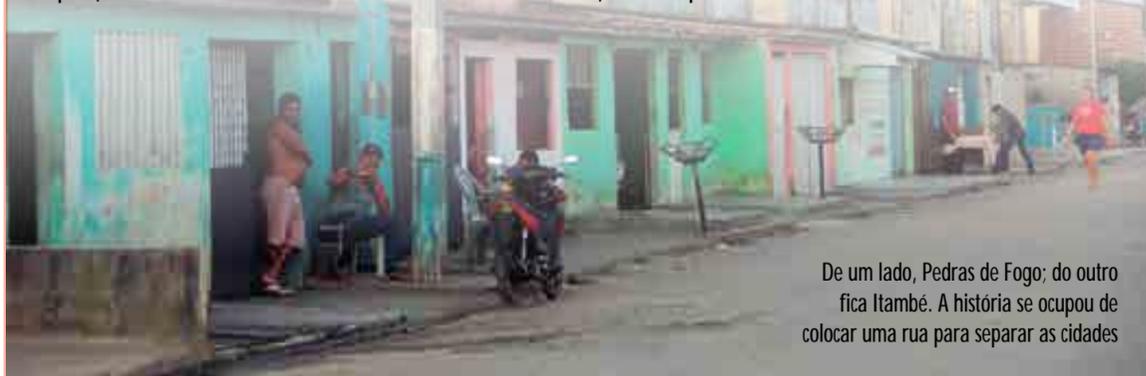
Pedras de Fogo tem bons restaurantes, pizzarias, lanchonetes, hotéis e pousadas, mas tem apenas duas agências bancárias. Uma da Caixa Econômica Federal e outra do Banco do Brasil. A cidade ainda não tem cinema, nem shopping, mas ultimamente o comércio vem recebendo a instalação de grandes lojas, a exemplo das Americanas entre outras. Na área de saúde, a cidade tem um grande hospital que atende praticamente toda a população pelo SUS, e vários Postos de Saúde. Para mobilidade, a população utiliza muito transportes alternativos e moto-táxi.

Onde o abacaxi é rei

Pedras de Fogo está entre os municípios que mais produzem abacaxi na Paraíba. No ano passado a cidade junto com os municípios de Itapororoca, Araçagi, Santa Rita, Lagoa de Dentro e Curral de Cima, levou o Estado ao status de segundo maior produtor de abacaxi do Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A maior parte do abacaxi colhido abastece principalmente a região Sudeste,

com destaque para os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Na Paraíba, o cultivo da fruta é favorável e vantajoso, em razão do solo e do clima. A colheita é intensificada entre os meses de agosto e dezembro. Porém o produtor que utiliza irrigação, tem condições de produzir a fruta o ano inteiro. Na produção do abacaxi, a Paraíba só fica atrás do Pará que lidera o ranking nacional. O Estado de Minas Gerais ocupa a terceira colocação.



De um lado, Pedras de Fogo; do outro fica Itambé. A história se ocupou de colocar uma rua para separar as cidades



Município está entre os maiores produtores de abacaxi do Estado



Foto: Ascom/Campinense

Robertinho do Recife: do metal a MPB, um “operário da música”

Artista que já produziu discos de Elba e Zé Ramalho ganha série documental sobre sua trajetória

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Amanhã estreia uma série documental com a trajetória do músico e produtor Robertinho do Recife. O título do documentário insinua o que traz de conteúdo contado pelos seus amigos e parceiros musicais: *Robertinho do Recife? Robertinho do Mundo!*, que também batiza o disco de 1983, vem de um bilhete da Rita Lee.

A produção tem dez episódios e conta com participações de nomes como Caetano Veloso, Elba e Zé Ramalho (que também realiza a narração), Fagner, Edgard Scandurra, Luís Carlini, Faísca e Armandinho, para citar alguns. A estreia acontece no canal Music Box Brazil, às 22h30.

De acordo com o músico, que teve grande destaque nacional nas cordas de suas guitarras nos anos 1980, a ideia de documentar sua carreira foi uma sugestão do diretor do canal, Márcio Mazzeron. “Um dia, eu estava contando minhas histórias e ele me disse que isso daria um filme. Procuramos alguém para escrever o roteiro, que não chegou a ser aprovado pela Biblioteca Nacional e a ideia morreu”, relembra.

Foi quando o próprio Robertinho folheou a análise do projeto rejeitado e se baseou para começar a escrever, ele próprio, como sua história deveria ser documentada, também por sugestão de Mazzeron. “Pesquisei e comecei a escrever como seria, e é algo muito mais complexo do que parece, mas, para a minha surpresa, o projeto foi aprovado desta vez”.

De acordo com Robertinho, o documentário foi

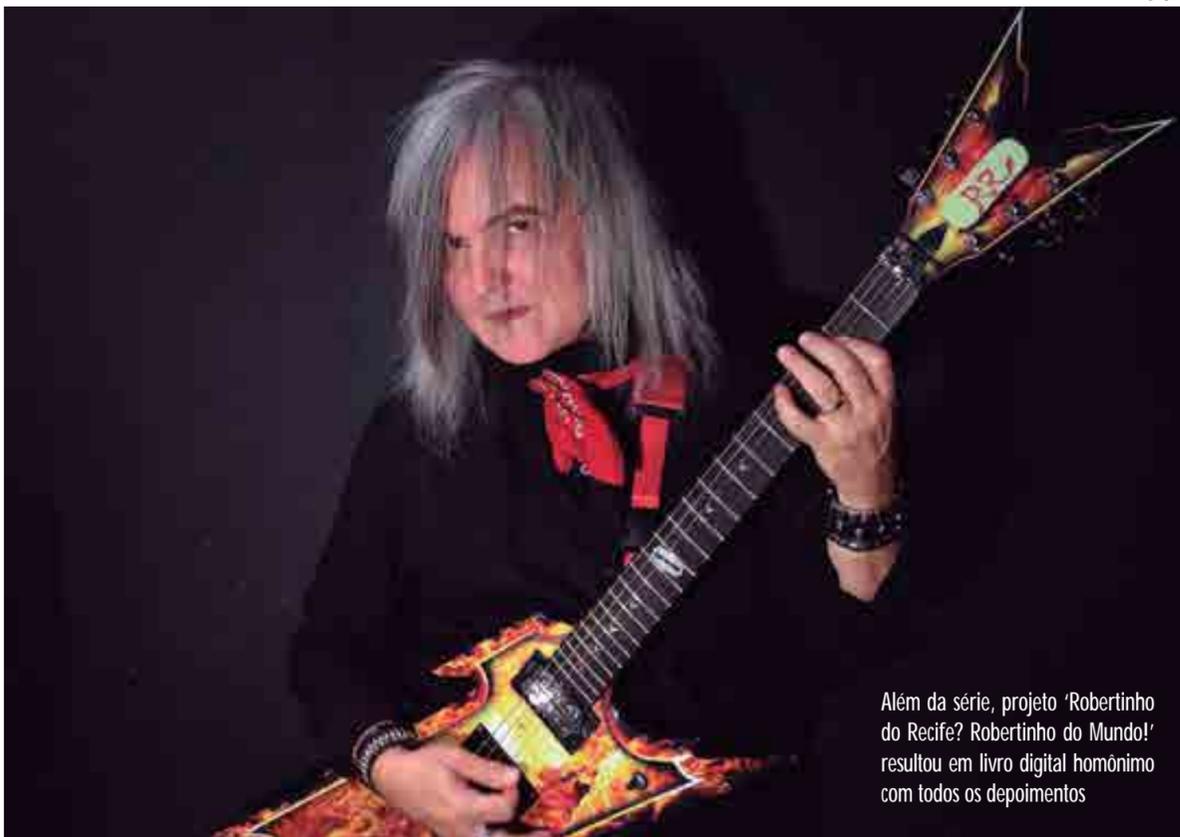


Foto: Divulgação

Além da série, projeto ‘Robertinho do Recife? Robertinho do Mundo!’ resultou em livro digital homônimo com todos os depoimentos

“Quando ouço Iron Maiden, eu percebo a relação da guitarra com a música nordestina, como também nas letras de bandas épicas e aponto: ‘Isso é Oliveira de Panelas!’”

pensado através da coleta de depoimentos porque, se ele próprio contasse sua história, ninguém acreditaria. “Eu mal apareço a não ser em algumas cenas mais pontuais. Mas acho que a história se torna mais verdadeira quando as ou-

tras pessoas contam”. O rumo que o projeto tomou, inclusive, resultou em um *e-book*, disponível para Android, com todos os depoimentos.

Foram mais de dois anos para realização do projeto em um trabalho praticamente diário, do qual a pandemia também influenciou na fase final. “Ainda faltava produzir e finalizar muita coisa, a exemplo das legendas e da linguagem de libras”, aponta Robertinho. “Foi um desafio grande”, resume.

O episódio de estreia retorna a 1953 para abordar o nascimento e as primeiras fases da vida de Carlos Roberto Cavalcanti de Albuquerque, nome do músico que carrega

sua cidade de origem em sua alcunha artística.

Metal Mania

“As pessoas ficam surpresas”, afirma o músico, percebendo constantemente a reação de quando alguém conhece algum projeto do qual ele fazia parte. “Produzi bastante Elba Ramalho, tem ela contando a história de quando a gente se conheceu e ainda era atriz, e me conheceu em um show de Gal, no qual estava tocando guitarra”, exemplifica o produtor.

Ele se classifica como um “operário da música” por sempre buscar trabalhar em prol da música. “Quando eu me tornei produtor, os artistas viram

que era alguém que só queria contribuir, tanto que foram muito carinhosos nos depoimentos e ninguém falou mal de mim. Estranhei, mas fiquei muito feliz”, brinca. “Desconheço inimigos, não sou de guerra. Mas tenho muitos amigos, e o documentário não é só meu: é de todos eles. Têm toda a minha gratidão e respeito”.

Não é apenas a música popular brasileira que tempera a guitarra de Robertinho do Recife. Integrante do grupo Metal Mania, sucesso dos anos 1980, ele também foi referência para grandes nomes do heavy metal.

O paulista André Matos (1971-2019), que foi vocalista do Angra, é a figura mais

importante no gênero para o pernambucano. “Antes dele falecer, estávamos preparando um trabalho em parceria e ele começou com uma versão de ‘Noturno’, do Fagner. Ficou a coisa mais linda do mundo, ainda estávamos preparando e esse é o único registro que tenho”, afirma.

Além de Matos, há declarações de nomes do movimento como Andreas Kisser, guitarrista do Sepultura. “Ele conta no documentário que era fã do Metal Mania. É o tipo de depoimento que, se eu for contar, fica estranho”, conta o músico, aos sorrisos.

Tem também Marcelo Barbosa, guitarrista do Angra, e outros instrumentistas da cena, bem como de seus ex-companheiros do Metal Mania. “É tanta gente que tenho medo de falar de uns e não falar de outros”.

Um nordestino que também toca heavy metal, Robertinho do Recife não estranha estar presente nos dois gêneros e vê apenas uma questão de segregação. “Tudo é música”, ele completa. “No meu liquidificador entraram todas as coisas do Nordeste e entrou o mercúrio, que é um metal pesado. Não é que tenha que as duas coisas precisem ter relação, mas têm. Quando ouço Iron Maiden, eu percebo a relação da guitarra com a música nordestina, como também nas letras de bandas épicas e aponto: ‘Isso é Oliveira de Panelas!’”.

Para ele, todas as músicas se convergem. “Mas as pessoas tem que classificar em estilo, colocar dentro de uma caixinha e, às vezes, é algo que não cabe bem ali. Sou de outro formato, eu me moldo, sou solável e adoro ser assim, porque gosto de música”.

“Não sou o prato principal, mas sou um tempero importante”

Cantor, instrumentista, arranjador, compositor e produtor. Profissional de múltiplos talentos, Robertinho do Recife se sobressaiu no mercado, no qual contribuiu para a produção de cerca de 350 discos.

Ele se define como o tempero das canções de seus parceiros. “Não sou o prato principal, mas sou um tempero importante”, aponta. “Mas também não posso estragar o prato dos caras”.

Da música paraibana, esta que Robertinho do Recife é fã assumido, ele destaca alguns artistas que o inspiram. Entre eles, está a cantora e compositora Renata Arruda – cujo trabalho teve parceria com Robertinho na produção –, Beto Brito e o conterrâneo radicado na Paraíba, Oliveira de Panelas.

Brito, a propósito, participa de todos os episódios da série *Robertinho do Recife? Robertinho do Mundo!* declamando um texto autoral dedicado ao

músico. “Beto Brito é amigo de Oliveira, e eu pedi para enviar um vídeo apenas dizendo o título do documentário, mas ele acabou enviando uma hora e meia de repente sobre mim. Tive que colocar em cada episódio um trecho, porque é um talento absurdo”.

A Paraíba, para Robertinho, é um celeiro de grandes artistas. “Um lugar maravilhoso, muito agradável e de grandes produções”.

Elba Ramalho também foi produzida pelo pernambucano. “Fizemos muitos trabalhos juntos. Ela, inclusive, canta no meu primeiro disco (*Jardim de Infância*, 1977). Viemos de uma relação muito antiga, vivia na casa dela, convivemos muito. Era quase uma república nordestina no Rio de Janeiro”.

Mesmo com tantos nomes do sul e sudeste, Robertinho do Recife destaca suas origens e a importância de ressaltá-las. “Foi do Nordeste que começou

a nova música contemporânea, com esse pessoal que a gente está falando. Fomos os grandes desbravadores contra tudo e contra todos”, lembra, mencionando períodos de repressão pela época da ditadura. “Lutávamos contra o sistema mas com muito humor, era uma socialização verdadeira, isso foi muito bonito e está tudo registrado no documentário”.

Com a satisfação do *Robertinho do Recife? Robertinho do Mundo!* pronto, o artista já escreveu o roteiro do próximo projeto documental, agora dedicado à trajetória de seu parceiro musical e amigo de longa data, o paraibano Zé Ramalho. “Tenho um carinho absurdo por ele, é um dos meus melhores amigos e tudo o que acontece comigo, eu compartilho com ele”.

O material para iniciar as gravações está pronto, apenas aguardando os recursos para iniciar a execução de filmagens. “Está muito lindo”, finaliza.



Foto: Divulgação

Novo projeto documental de Robertinho do Recife será sobre o seu amigo Zé Ramalho

Bezerra da Silva, Renato Russo e Kurt Cobain

Acredito que quanto maior for o conhecimento técnico de um músico ou compositor popular, mais possibilidades criativas ele terá. Isso parece óbvio, e é. Mas conhecimento técnico em excesso também pode atrapalhar, quando se tem pouca sensibilidade e criatividade. O mundo está cheio de músicos assim.

O cantor e ator Jared Leto vê em Kurt Cobain, ex-líder da banda Nirvana, um exemplo de como não é preciso ser um instrumentista virtuoso para expressar, de maneira primorosa, ideias e sentimentos através da música. Certa vez, numa entrevista, ele disse que Kurt passa a mensagem de que se temos algo a dizer podemos dizer, seja lá como for: “Kurt era maravilhoso porque ele nos ensinou que você não precisa pedir permissão para pegar uma guitarra, certo? Você não precisa ser proficiente ou um gênio ou um mestre. Você pode ter algo dentro de você e pode dizê-lo. E pode ser desleixado. E pode ser imperfeito. E pode ser lindo.”

Jared Leto enfatiza a originalidade, a coragem e a ousadia. É preciso, em algum momento, “matar os heróis” na saga da construção de uma grande obra. Muitos artistas ficam presos às suas referências e ídolos e pouco conseguem avançar com as suas próprias pernas. Com base nisso, Leto diz: “Então eu o encorajaria a procurar pela sua própria voz, matar seus heróis, destruir todas as suas influências, e ser você. Porque a sua impressão digital, o seu DNA, será a coisa mais interessante para dividir com outras pessoas.”

Essa história me fez lembrar uma entrevista que Renato Russo concedeu à MTV Brasil, em 1994. Ele conta que teve dificuldade para formar a Legião Urbana. O primeiro guitarrista, Eduardo Paraná, era um exímio instrumentista, mas pouco afeito ao estilo mais econômico e minimalista que consagraria a banda. Quando Dado Vila-Lobos entrou na Legião para substituí-lo, mal sabia tocar guitarra. Com o tempo, porém, a escolha se mostraria mais que acertada.

Renato Russo conta que: “A gente colocava discos e falava pro Paraná: olha, ouve isso!” E ele respondia: “Ah, esse cara não sabe tocar!”. No fundo, ele não tava a fim de trabalhar com aquele tipo de música e até sentia vergonha de que as pessoas achas-

sem que não sabia tocar, assim pensava Renato Russo: “Ele queria fazer outro tipo de som, então cada um pro seu caminho, né?” E acrescenta: “O grilo dele era que as pessoas iam achar que ele não sabia tocar. A gente falava não, isso é minimalismo! Philip Glass! Faz uma coisa assim... Não, não, não (ele respondia).” A Legião Urbana também teve problemas semelhantes no processo de escolha de um baixista.

Luiz Tatit, no livro *O Século da Canção*, argumenta que, na história da música popular no Brasil, sempre existiu a colaboração de personagens importantes que não dominavam a linguagem formal da música, instrumentos etc. Eram, em certa medida, pessoas com talento puro e muita capacidade criativa. Um exemplo que vem à cabeça é o dos parceiros das composições das canções de Bezerra da Silva. Na sua grande maioria trabalhadores, pessoas comuns, com pouca escolarização, moradores dos morros cariocas.

Essa característica, por outro lado, lhe garantia uma dicção musical bastante característica. Marcelo Yuka, no documentário *Onde a Coruja Dorme*, compara a forma como Bezerra da Silva narra suas histórias com os rappers brasileiros: “Coisas que alguns rappers do Brasil narram como se fosse um filme de ação, uma aventura passada no gueto. E a narrativa do Bezerra... se ele for contar a mesma história, ele vai contar diferente... Não porque ele é sambista. Mas ele carrega essa maneira malandra, brasileira de narrar aquela situação.”

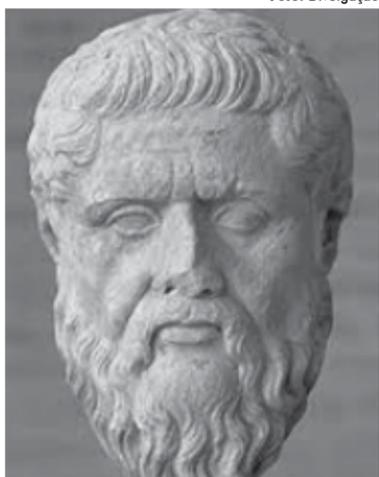
Bezerra da Silva tinha uma visão muito curiosa sobre as gírias usadas nas letras de suas músicas. Ele reconhece a dimensão política do uso dessa linguagem, ao afirmar: “A gíria é uma cultura negra, abalizada pelos escravos. Eles quando iam traçando planos de fuga, quilombo... eles aí falavam aquilo em gíria. Da hora que vai dar um pinote... que era pra eles não entenderem. Entendeu? É exatamente aquilo que os intelectuais fazem com a gente. Eles vão pra escola aprender... data vênica... e chega e fala com você o dia todinho, chama você do que quer e você não entende nada. E você responde: sim, senhor, doutor!... Então o que é que agente faz? A gente pode conversar com o doutor do mesmo jeito e ele ficar o dia todo sentado e não entender nada também. Aí é 0 x 0.”

A força da alienação

Alienação é a falta de consciência própria, de modo que o cidadão perde sua identidade, seu pertencimento, sua vitalidade e interesses. Na alienação, o cidadão perde o valor da dignidade humana e se torna estranho a si mesmo, e sua potencialidade humana é transferida aos objetos produzidos por ele, de forma a criar sua identidade a partir do padrão de consumo. A alienação destrói a capacidade do cidadão agir e pensar por si próprio, também apresenta a perda das referências sociais e uma progressiva dessocialização, nesse processo o cidadão se exclui de si mesmo. Aliar-se causa a dificuldade de compreender a própria personalidade, e isso elimina a autoestima, a espontaneidade e processos criativos.

O conceito de alienação foi criado pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). A tese de Hegel, a partir das categorias *Entäußerung* e *Entfremdung* (Lançamento e Alienação), afirma que a alienação é uma objetificação e faz parte da natureza humana. Hegel observou que a alienação se dá por meio da produção de bens – ou posses – para expressar-se na cultura, em objetos e nas organizações sociais. Hegel afirmou que os objetos ou bens produzidos pelo cidadão se tornam estranhos ao próprio cidadão. Nesse contexto, pode-se afirmar que a alienação é uma falha existencial, e ao se tornar um vazio, geralmente o cidadão se lança numa idolatria através do imaginário e simbólico, enquanto formas e funções dessas representações objetivadas.

A alienação foi estudada pelo filósofo, sociólogo, historiador, economista e jornalista alemão Karl Marx (1818-1883). Marx apresentou seus estudos, em relação a alienação, nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844) e no livro *A Ideologia Alemã* (1846). No contexto do trabalho alienado e das relações de produção, Marx escreveu *O Capital* (1867), e, nesse livro, ele critica a sociedade industrial em seu modo de produção e a forma de trabalho desumano do cidadão. Sua tese é de que o trabalho alienado surge a partir do momento em que o cidadão perde a posse dos meios de produção e passa a



Escultura do filósofo e matemático grego Platão

ser aceito como máquina ou ferramenta. Nesse processo de alienação, a função do cidadão é gerar lucro. Na teoria de Marx a alienação torna-se um controle social e contribui para a destruição da dignidade humana, e os cidadãos que participam do processo de produção de bens e serviços, não usufruem deles.

O filósofo e matemático grego Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.), do período clássico da Grécia Antiga, ao escrever *A República* (379 a.C.), apresentou o mundo natural como uma imagem imperfeita do mundo das Ideias. A tese de Platão afirma que o espírito humano é uma relação entre a razão, a emoção e os sentidos. Platão diz que o ser humano só atingiria a harmonia psíquica e felicidade através do equilíbrio dessas três dimensões. Essa harmonia também deve ser construída no contexto social e político. No livro *A República*, Platão afirma que na ‘cidade ideal’ deve haver uma harmonia em que cada cidadão está em acordo com o todo, de forma que todos cidadãos se comportam em equilíbrio. Os neoplatônicos, entre eles o filósofo grego Plotino (205 d.C.-270 d.C.), afirmou que o cidadão (alma/espírito) deve direcionar-se com o Bom (Uno), e quando a alma dirige a sua razão, o desejo, a atenção para coisas inferiores, isso resulta em uma forma de alienação.

No extensão dessa coluna, sintase convidado para a audição do 287 Domingo Sinfônico, na Rádio Tabajara, deste dia 4, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição, irei apresentar o compositor russo Dmitriy Dmitriyevich Shostakóvich (1906-1975). Shostakóvich, diante da fome e das tragédias da Segunda Guerra Mundial, construiu – no povo soviético – o senso crítico para enfrentar a loucura dos ditadores, a fim de superar a brutalidade humana. Shostakóvich denunciou a privação da liberdade; a escassez; o extermínio e os esmagamento social do cidadão. Shostakóvich expressa o otimismo para construir uma sociedade mais justa e a possibilidade de um novo cidadão mais humanizado. No seu contexto histórico, ele superou a crise do método científico – na arte e na ciência – no início do século 20. Ele também rompeu com o formalismo russo e o fiscalismo.

Irei contextualizar a importância de Shostakóvich para o enfrentamento contra o terror dos ditadores que alienava o cidadão e engessava a dignidade humana. Sua contribuição foi de destruir as perversas políticas de Estado que empobrece, escraviza, enlouquece e mata a cultura de um povo. Shostakóvich – em suas peças – uniu temas trágicos e agressivos do romantismo russo tardio com temas políticos através das sátiras sociais para denunciar o extermínio do povo. Através da sátira, ele usou conceitos do formalismo russo e do realismo estético russo como forma de ridicularizar o totalitarismo e o decreto do político russo Andrei Zdanov (1896-1948). Diante disso, Shostakóvich recriou as angústias do interior do homem ensurdecidas pelo símbolo da força esmagadora das perversidades dos ditadores.

Além de suas sátiras e do seu surrealismo socialista, o compositor usou uma linguagem da melancolia e do romantismo tardio russo, que permitiram – em suas peças – uma tristeza fúnebre e uma forte depressão. Estes sentimentos representam o sofrimento do cidadão provocados pelos crimes e pelo esmagamento social.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Quase uma canção

Nasceu e pronto. Nem lembro de como foi cortar o cordão umbilical. Isso a gente nunca vê quando nasce um cachorro. Coisas de mãe. Lembro do corte do cordão umbilical de meu filho Vitor, a única criatura que vi nascer.

A mãe de Dorival, Marlene (em homenagem a Marlene Dietrich), era uma cadela eventualmente simples, sem origem, que veio morar comigo antes do meu casamento.

O momento das crias, dos partos, eu só via quando o dia amanhecia: ela abatida com uma recua de filhotes. Eu não sabia nada, não sabia e pensando bem, ou se proibindo de pensar, mas o amor seja por quem for, é maior do que qualquer adversidade. Eu tinha amor por Marlene.

Dorival ia se enrolando na vida. Eu trabalhava o dia inteiro, nessa corda longínqua que não só estica, mas aumenta o trabalho todo dia e eu nunca reclamei. As pessoas ignoram como são abençoadas. Mesmo as siamesas e as mais privilegiadas. Algumas mantêm a ilusão de sempre, da frustração, mas aí é outro latido.

De independência total, o vira-lata Dorival (em homenagem a Caymmi), era mulato, belo, tinha os olhos verdes e impressionava seu porte. E tinha sua individualidade, ou como vocês quiserem chamar. Era livre, porque a liberdade é caríssima.

De repente, o cão desaparecia e ficávamos, eu e minha mulher, procurando nas ruas. Não tropicava. Num descuido, a coisa vinha para nossa cabeça, mas nada, nada adiantava. Quando ele aparecia era uma festa. Ele fugia pelo muro, onde fica o Rio Jaguaribe, atrás da nossa casa. Não tinha medo de nada, sequer dos jacarés que habitam o rio.

Algumas pessoas o conheciam, vizinhos e amigos que nos visitavam. Vez em quando os populares diziam que tinham avistado ele no antigo Supermercado Boa Esperança, da avenida Epitácio Pessoa. Fomos bater lá e era verdade, Dorival tinha se casado com “Pretinha” (uma cadela do seu Planeta), e não saía do “pé” dela. Chegamos a implorar sua volta, e nada.

O lugar onde moravam parecia uma caverna, na parte debaixo do supermercado. Imagine uma caverna brasileira, com os calangos e cobras comendo-se harmonicamente, em volta(?). Passaram temporadas ali, Dori e Pretinha.

Um dia, fui caminhar na praia logo cedo, já estava pra lá do Edifício João Marques de Almeida, quando sinto aquela batida em mim. Era ele, Dorival. Fiquei perplexo. Como o cão estaria ali e não na sua caverna? Por que me reconheceria?

Essa semana minha mulher lembrou essa história, que se deu na beira-mar. Acho que Dorival morreu jovem, morreu em frente ao Boa Esperança atrapalhando o tráfego. O cara que atropelou o cão ainda tentou socorrer. Francis, minha mulher, foi lá com o carro de mão e trouxe o corpo para enterrar no terreiro de nossa casa.

Dorival viveu uns trezentos anos liberto. A liberdade impossível, entregue a um coito. Vale a pena? Qual é o significado disso tudo? A lembrança vaga de um caro amigo?

Adorável, Dorival! Vira-lata primordial, sumiu uivando no vácuo, cadáver de uma carro de mão, em órbita. Nada além, nada antecede, nem determina os voos de cada um.

Kapetadas

1 – Eu tenho medo de dar um simples bom dia e o povo já me jogar pra um lado político por conta disso. Vareii...

2 – Até cinco de reclusão para quem maltratar cães e gatos. Bom saber. Só resta saber se está valendo.

3 – Som na caixa: “Eu cheguei em frente ao portão...”, Roberto e Erasmo Carlos.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador



Atriz Millie Bobby Brown protagoniza 'Enola Holmes', uma produção da Netflix baseado nos contos de Nancy Springer

Foto: Divulgação

'Enola Holmes': boa opção para este início de semana

Mesmo considerando as tantas futilidades e pirotecnias mostradas nas plataformas de *streaming*, não será difícil garimpar um bom cinema. É o caso do inteligente *Enola Holmes*, dirigido por Harry Bradbeer, já disponível na telinha. A produção é deste ano e foi lançada pela Netflix na semana passada, trazendo no papel-título Millie Bobby Brown, talentosa atriz e produtora britânica, mas nascida em Barcelona, na Espanha.

Baseado nos contos de Nancy Springer, com uma história comum sobre a jovem inglesa que é abandonada pela mãe, o filme traz a figura clássica de um personagem emblemático da espionagem britânica, Sherlock Holmes, como sendo um irmão mais velho da jovem Enola. Não que a figura dele seja de maior impacto no filme, mas oferece contornos de sua personalidade até então não muito familiar no cinema.

E aqui, relegando disputas à parte – entre a Netflix e Arthur Conan Doyle, autor do seriado *Sherlock Holmes* –, o filme se concentra na jovem de 16 anos de idade (Enola), rebelde aos padrões da época. Ela é dona de suas próprias deci-

sões, fugindo de um internato, ali posta por um outro irmão que tem sua guarda, para continuar procurando a mãe desaparecida por perseguições políticas. Corre paralelo, aí com um pouco de mistério à lá "sherlock", o caso de um garoto herdeiro de uma grande propriedade no interior de Londres, que é perseguido de morte por um vilão feioso contratado pela conservadora e obcecada avó da criança, essa que tem na esperta Enola uma grande ajuda.

A época é do reinado Vitoriano, no final do século 19, na Inglaterra, e a trama não explica claramente a situação política inglesa da época, até por que não é a intenção do filme; mas deixa pistas – a ligação e o ativismo da mãe de Enola com as agitações político-partidárias liberais de então, confrontando os conservadores. São demonstrações que nos levam a algumas conclusões sobre a situação e o *status quo* da população britânica.

Não obstante, o interesse desse momento inglês, o que mais me causou espécie é de o filme trazer uma narrativa distinta e curiosa. Diferenciada no

sentido da linguagem que adota, buscando sempre uma forma gramatical intrigante, de um cinema maduro na forma de contar uma história – Enola faz uma espécie de "interlocução" com a câmera, como que ilustrando seus propósitos e ações em alguns momentos, definindo assim a narrativa.

Curiosamente, essa mesma narrativa sublima o próprio Cinema, numa forma de metalinguagem – a ação do filme se passa entre 1885 e começo do Século 20, em alguns momentos mostrando figuras e imagens da família de Enola em animação, além de clichês visuais com frases explicativas, como no tempo do "cinema mudo" (1895), justo, na época de nascimento da imagem em movimento, quando advém o Cinematógrafo e seus derivados. O que nos lembra muito bem o "pai" do cinema paraibano Walfredo Rodriguez...

Assim, indicaria aos mais exigentes e não adeptos à mesmice a curtirem um bom cinema. *Enola Holmes* pode ser uma boa opção neste início e por toda semana. – Mais "coisas de cinema", em blog: www.alexasantos.com.br.



APC: Zezita Matos em Gramado

Representando a Academia Paraibana de Cinema (APC), a presidente da entidade e atriz paraibana Zezita Matos integrou o Juri na Mostra de Curtas Gaúchos, de mais um Festival de Cinema de Gramado, que teve sua programação encerrada no final da semana passada. Zezita também teve participação como atriz em *Remoinho*, um dos curtas brasileiros inscritos no certame. Também, nesta semana, juntamente com o professor João de Lima, Zezita Matos fez parte de uma live, quando discutiram sobre mídia, telenovela-Nordeste e Velho Chico.

'Mostra Projeções'

Ciclo exhibe filmes críticos premiados

Começa amanhã e vai até o dia 19, a Mostra Projeções - Cinema Brasileiro Contemporâneo. Trata-se do primeiro recorte sobre os filmes que inspiraram o curso EAD Projeções, que ficará disponível em plataforma on-line do Itaú Cultural.

Com curadoria de Moira Toledo, coordenadora do curso junto com Renata Druck, a mostra traz cinco produções que estabelecem diálogos entre os universos da autoficção, documentários políticos e as novas vertentes de cinemas de gênero. Todas são premiadas em festivais nacionais e internacionais.

Produzido pela cineasta mineira Juliana Antunes, *Baronesa* narra a difícil realidade das pessoas que vivem em comunidades tomadas pela violência e a falta de estrutura.

Em *Café com Canela*, filme baiano rodado pelos cineastas Ary Rosa e Glenda Nicácio, o reencontro entre duas amigas mostra como é possível lidar com as adversidades do dia a dia ou com as amarguras do passado.

Corpo Elétrico, do diretor mineiro Marcelo Caetano, traz a história de um jovem que tenta equilibrar seu coti-



'Peripatético' (SP) acompanha três jovens moradores da periferia e como eles se preparam para o início da vida adulta

diano entre o trabalho em uma fábrica de vestuários e encontros casuais com seus colegas de trabalho.

Outra obra de São Paulo, o curta *Peripatético*, de Jéssica Queiroz, conta a história de três jovens moradores da periferia e como eles se preparam para o início da vida adulta.

Dirigido por Adirley Queirós, o longa brasileiro *Branco Sai, Preto Fica* aborda uma realidade cotidiana de segregação racial nas comunidades periféricas brasileiras.

Foto: Divulgação



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Itaú Cultural

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Aquela banda não passou!

Eram cinco horas da manhã. O frio varava o corpo pesado de sono num quartinho de hotel na serra de Cuité. Era a "alvorada" que descia das nuvens espessas e úmidas molhando os remígio de uma pobre alma solitária. A esta "alvorada" juntava-se outra, quase como "sons subterrâneos do orbe oriundos", como diria Augusto, embora não fosse o "choro da energia abandonada", despertando de vez meus sentidos ressecados por uma noite longa de ilusão e boemia.

A melodia do dobrado, na sua cadência militar, lírica e saudosa, adquiria consistência acústica e harmônica, à proporção que, ainda meio sonâmbulo e etilizado, eu ia de encontro ao chamado inenarrável da banda municipal, exibindo-se no adro da igreja em plena manhã, num ritual de beleza rítmica que paralisava o fluxo do tempo e encantava o tecido vago das horas e dos minutos mágicos de uma sólida epifania.

Poucas coisas me comovem tanto como os dobrados da infância, uma banda de música, uma praça, um coreto, uma retreta, enfim, todo um repositório de valor simbólico que se transmuta em finos e preciosos cristais da memória afetiva e duram para sempre na correnteza perene da saudade. A banda de música de minha infância vale como um poema, e se se transformou em retrato na parede; apenas dói, e como dói!

Ouvi "Alvorada", e ouvi muitos outros dobrados, no privilégio de quase único espectador daquela poesia coletiva e isométrica, na ordem particular dos ritos e roteiros que só as bandas do interior sabem ofertar. Claro: lembrei de minha infância; lembrei de minha Comarca cercada de pedras, da praquina, da igreja e da banda... Sobre tudo da banda regida pelo mestre Antônio de Félix, e cujos músicos semeavam, com seus instrumentos de sopro e percussão, os campos abertos da alheia sensibilidade.

Seja nos ensaios, seja nas apresentações formais, em dias de festa ou de solenidade, ver e ouvir a banda era um dos prazeres mais cobiçados. A música, em sua simetria surpreendente, como que me transmitia, pelo menos a mim, a noção difusa de que existia alguma coisa para além do dado factual que me envolvia numa cidadezinha desolada e perdida do Cariri paraibano.

Seu Zuza, com sua tuba, Lourinho, com seu trombone de vara, Zé Moisés, com seu sax, Louro, com seu trompete, entre outros, transfiguravam sua simplicidade cotidiana através de uma linguagem que me dava, como uma instantânea alquimia, notícias de verdades distantes e de valores e símbolos que ampliavam meu olhar de menino sobre os vastos descampados da realidade. Qualquer coisa de pedagógico era afinada pelos metais cintilantes de seus instrumentos musicais.

Era uma espécie de estranha convicção me tocando a carne da sensibilidade: aquele mundo não era aquele mundo; aquela vida não era aquela vida; aquela banda me ligava a outras paisagens; me dizia de meu vínculo telúrico e me jogava na beira do mundo, convocado por outros abismos que só a imaginação pode ultrapassar. Aquela banda me ensinou os primeiros compassos da poesia. Aquela banda, sim, não passou!

Colunista colaborador



Destaque

Funesc e 'ContemDança' da UFPB disponibilizam videoaulas

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba dá continuidade ao programa 'Formação Funesc' e disponibiliza a videoaula *Videodança e ContemDança*. Trata-se do primeiro de uma série de três módulos em parceria com o projeto 'ContemDança', da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O conteúdo já está disponível gratuitamente no canal oficial da Fundação no Youtube (www.youtube.com/funescpbgov).

Os outros dois módulos que compõem a programação – *Coreoedição e Curadoria on-line da videodança*, respectivamente – serão postados nos dias 10 e 24 deste mês, sempre a partir das 17h. Os vídeos são produzidos por professores e pesquisadores integrantes do grupo, que apresentam reflexões em torno da dança, o audiovisual e a tecnologia.

Campinense joga contra o Floresta-CE hoje no Amigão

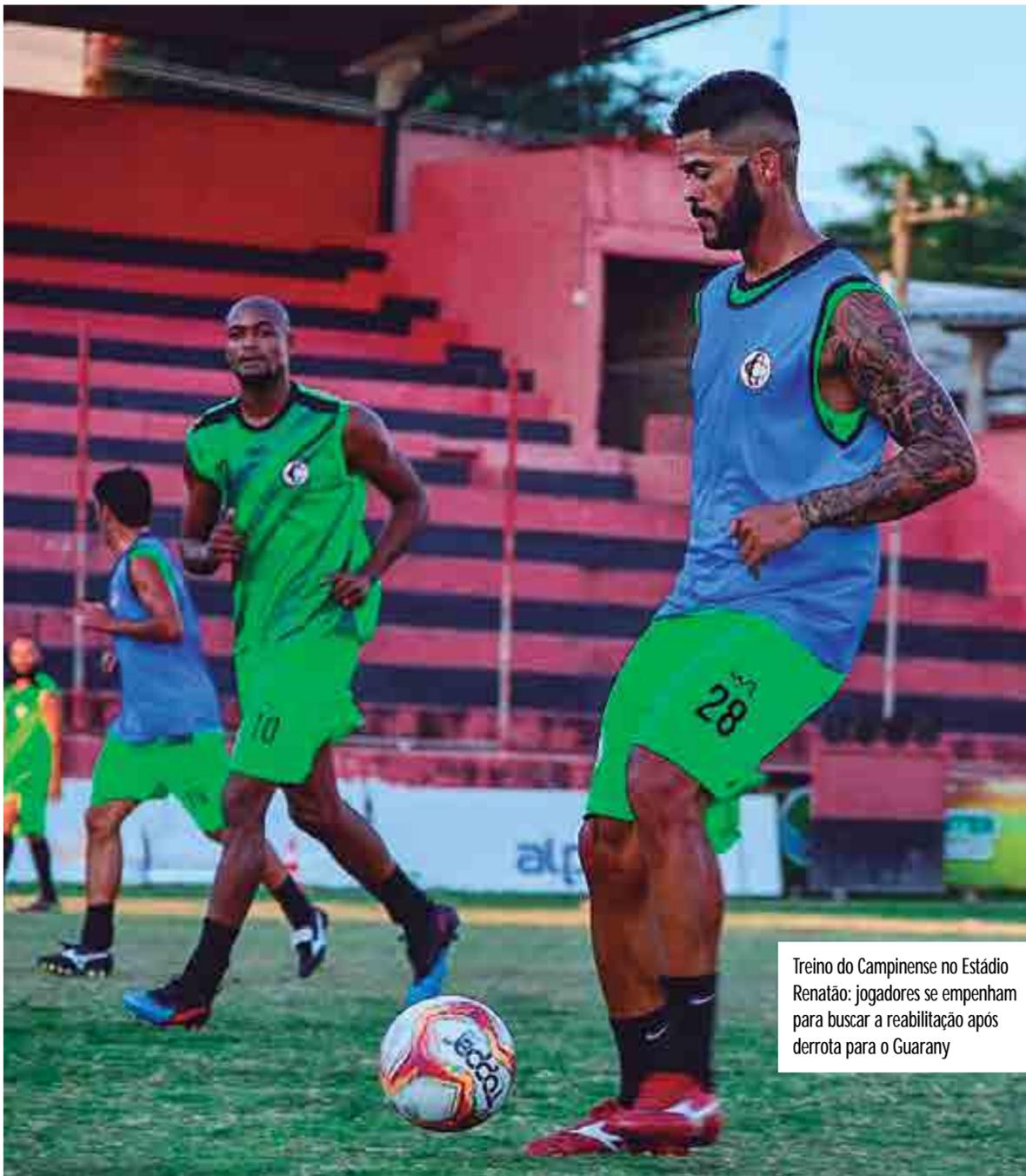
Já o Atlético, outro representante da Paraíba na Série D do Brasileiro, atua no Perpetão diante do Guarany-CE

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Campinense e Atlético de Cajazeiras entram em campo, hoje, pela quarta rodada da Série D do Campeonato Brasileiro de Futebol para enfrentar dois times do Ceará. As equipes paraibanas jogam em casa, ambas às 16h. Vindo de sua primeira derrota na competição, a Raposa buscará sua reabilitação na disputa para não sair do G4 do grupo 3, podendo, em caso de vitória contra o Floresta-CE, assumir a liderança da chave, mas isso dependerá de tropeços dos adversários. Já o time cazeirenses jogará no Estádio Perpetão contra o Guarany de Sobral-CE em busca do seu primeiro ponto da quarta divisão, já que o "Trovão Azul", até o momento, só perdeu na disputa nacional.

No caso do Campinense, o jogo é um confronto direto, pois a equipe cearense chegou aos mesmos 4 pontos que o time de Campina Grande após vencer justamente o Atlético na última rodada. Para essa partida, o técnico Givanildo Sales passou a cobrar uma postura mais coletiva da equipe, especialmente do atacante Rafael Ibiapino, que na concepção do treinador foi muito individualista na partida anterior e acabou prejudicando a equipe que criou boas oportunidades, mas não foi efetiva na conclusão.

Já para o volante Júnior Gaúcho, o time, mesmo tendo perdido apresentou um bom futebol e terá pontos positivos para serem aproveitados da última rodada para o jogo de hoje. Segundo o atleta que faz nova passagem com a camisa da Raposa, a equipe está em evolução e agora é o momento do time confirmar isso jogando bem contra o Floresta e se impondo dentro de campo, especialmente por ser o mandante da partida de logo mais no Amigão.



Treino do Campinense no Estádio Renatão: jogadores se empenham para buscar a reabilitação após derrota para o Guarany

"A gente teve a condição para vencer na última partida, mas o futebol não perdoa e se você não faz, tem grandes chances de sofrer um gol. Ainda assim, acho que especialmente no segundo tempo da partida passada tivemos uma grande evolução, enquanto time e criamos bastante. Então,

acho que mesmo perdendo fizemos coisas boas. Na derrota é preciso ter equilíbrio, já passou e agora é pensar na partida contra o Floresta e fazer o nosso papel, somos os mandantes do jogo e temos que assumir uma postura mais forte e imprimir o nosso ritmo de jogo para vencer", afirmou.

Enquanto isso, o Atlético de Cajazeiras que faz a sua primeira participação na Série D, joga em casa em busca de seus primeiros pontos na quarta divisão. Com um elenco competitivo para o nível da disputa, a campanha da equipe seretaneja, que soma três derrotas em três partidas, vem

sendo decepcionante, pois hoje, o time é o lanterna do grupo 3.

No entanto, a distância para o G4 - 4 pontos -, ainda é reversível e até mesmo o topo da tabela é acessível, pois apenas seis pontos separam o líder do Atlético, faltando ainda 11 jogos para serem disputados e

33 pontos possíveis para se somar. Diante disso, o caminho para uma retomada ainda é possível, mas o time comandado por Ederison Araújo precisa reagir, começando pela partida de hoje contra o Guarany de Sobral, time que na última rodada bateu o Campinense por 1 a 0.

JOGOS DE HOJE

■ **Série A**
11h
Botafogo x Fluminense
16h
Flamengo x Atlético-PR
Coritiba x São Paulo
18h15
Bahia x Sport
Fortaleza x Atlético-GO
Goias x Santos
20h30
Atlético-MG x Vasco

■ **Série C**
15h30
Ferroviário x Santa Cruz

■ **Série D**
15h
Real x União
Brasiliense x Atlético-BA
Pelotas x Joinville
Caxias x São Luiz
16h
Vilhenense x Atlético-AC
Ji-Paraná x Bragantino-PA
Campinense x Floresta
Atlético-PB x Guarany-CE
Vitória-BA x Potiguar-RN
Palmas x Bahia de Feira
Villa Nova-MG x Tupynambás
Toledo x Ferroviária
FC Cascavel x Mirassol
17h
São Raimundo-RR x Santos-AP
18h
Goianésia x Apareciense
19h
Galvez x Rio Branco-AC
Fast x Independente-PA
20h
ABC x Central

Clássico carioca abre os jogos deste domingo

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O Brasileirão da Série A está na sua décima terceira rodada e a competição começa a se afunilar em seu primeiro turno já perto de ser concluído. Hoje, sete partidas serão realizadas pela primeira divisão nacional, começando às 11h com o clássico entre Botafogo e Fluminense que será disputado no Estádio Nilton Santos, o Engenhão. Dividindo as atenções com a elite do futebol nacional, a Série C também terá partidas hoje, ao todo serão três embates, um pelo grupo A e dois pelo grupo B.

Penúltimo colocado na Série A, o Botafogo enfrentará o Fluminense - que está no sétimo lugar - no derby carioca deste domingo, pre-

cisando vencer para sair da zona de rebaixamento. Além dessa partida que abre o dia de futebol, a primeira divisão ainda contará com partidas importantes como Flamengo (6º) e Athletico Paranaense (11º) que vão se enfrentar no Maracanã, às 16h. No mesmo horário que o confronto entre o rubro-negro do Rio de Janeiro e o do Paraná, o Coritiba, primeiro na zona de rebaixamento e o São Paulo que brigará para se manter no G4 vão se enfrentar no Estádio Couto Pereira.

Um pouco mais tarde, às 18h15, mais quatro jogos com destaque para o embate nordestino entre Bahia e Sport que ocorrerá no Estádio Pituacu, em Salvador. Enquanto isso, o Fortaleza recebe, no Castelão, o Atlético Goianiense. No Serrinha, o

Santos irá jogar fora de casa contra o Goiás. Fechando a rodada, mais um jogo importante entre o líder Atlético Mineiro, que tenta abrir vantagem na competição, e o Vasco que tem feito um bom campeonato e buscará chegar no G4.

Já na Série C, o principal atrativo será no Grupo A com o embate entre o Ferroviário, do Ceará, e o Santa Cruz, de Pernambuco. As equipes chegam para essa rodada separadas por um único ponto, com a liderança da chave sendo dos pernambucanos. A partida será no Estádio Domingão, em Fortaleza, às 15h30. No grupo B da terceira divisão, às 16h, jogam Londrina e Volta Redonda, no Estádio do Café. No mesmo horário, no Municipal de Varginha se enfrentam Boa Esporte e Tombense.



Foto: Mailson Santana/Fluminense

Nenê e Honda devem travar um bom duelo no jogo deste domingo pelo Brasileirão, no Estádio Nilton Santos



Vida floresce e se renova no encontro dos rios com o mar

Estuários têm importante função ecológica, mas são ameaçados pela poluição deixada pelo homem

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Os rios são grandes reservatórios de água doce que, além de abastecer residências, empresas e irrigar a terra, são vias de transporte, geradores de energia elétrica, habitat de espécies da fauna e da flora, atrativos para o lazer e o turismo. Em seu percurso, seguem, muitas vezes, rumo a outros rios ou lagos, e desaguam no oceano. É a chamada foz ou desembocadura, que formam regiões de mangues, ambiente de transição entre o mar e um rio.

Segundo a bióloga Maria Cristina Crispim, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os estuários são extremamente importantes para a natureza, tanto em nível estrutural como biológico. No aspecto estrutural, a bióloga enfoca que os estuários servem para acumular água, em caso de grande incidência de precipitação. “Em nível biológico, servem de abrigo, alimentação e reprodução para muitas espécies, incluindo as marinhas. Muitos peixes e crustáceos usam o estuário para reprodução, sendo estas verdadeiras maternidades. Além disso, são importantes na oferta de atividades aquáticas, como a pesca”.

É justamente dessas riquezas naturais, dos frutos do mar e da água da foz do Rio Gramame, situado em João Pessoa, que a dona de casa Eunice Bernardino Nascimento usufrui frequentemente. Moradora da Praia de Gramame, ela conta que chegou ao local há mais de 15 anos. “Chegamos aqui e não havia coqueiros por perto. A vizinhança se juntou e plantamos vários”, relembra.

Da porta de casa, ela avista um mar infinito, e a rua onde mora é formada pelas areias brancas da orla. Mais adiante, está a foz do Rio Gramame, que faz parte da histó-

ria da família de dona Eunice. “Tomamos banho na foz do rio. É muito bom”, contou. O neto da dona de casa, Marcos Silva de Abreu, 10 anos, sabe de cor o que pode encontrar no estuário do rio. “Tem tatuí, siri, peixe bagre, peixe pampo e cação”, citou o menino.

Poluição

Mas, em meio à biodiversidade do encontro entre a água doce e a salgada, vê-se nas proximidades do Gramame sinais de falta de consciência ecológica. Na areia da praia, não é difícil encontrar resíduos sólidos como garrafas pets, embalagens de picolé, caixa de fósforo, latas e tampinhas de refrigerante, palmilhas e até calçados. “Tem gente que deixa lixo espalhando na praia e no rio. A gente que mora aqui costuma limpar. Não queremos a praia suja. Era importante que todos preservassem o local”, desabafou dona Eunice.

A bióloga Maria Cristina

Crispim ressalta que a degradação ocorrida na extensão de um rio, conseqüentemente, chega à sua foz, prejudicando toda biodiversidade existente. Além dos resíduos lançados no entorno do estuário, a poluição, que também é vista ao longo dos cursos naturais de água, pode ser dividida em poluição química (como a presença de metais pesados e agrotóxicos); ou orgânica, que é o excesso de nutrientes.

“Ambas são prejudiciais. A primeira pode limitar a biodiversidade, e os poluentes serem acumulados nas espécies”. No segundo caso, a orgânica, ocorre grande aumento dos processos de produção primária e decomposição.

Ainda pode ser visto no curso dos rios e desembocaduras poluição provocada por lançamento de esgotos. “O que pode aumentar a quantidade de coliformes na água, tornando-as não balneáveis”, frisou Crispim.



Resíduos deixados por visitantes afetam o meio ambiente e provocam desequilíbrio ecológico. Ambientalistas ressaltam importância da preservação



Lançamento de esgotos degrada a natureza

Em dezembro do ano passado, o Rio Gramame foi alvo de poluição causada por celulose, que teria vazado de uma bacia de contenção de uma fábrica. Na época, a Organização Não Governamental Viva Olho do Tempo informou que os resíduos se espalharam por quase 20 quilômetros, chegando à sua foz.

Ao detectar o problema, a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) notificou e cobrou providências por parte da fábrica, que ficou responsável por reparar os danos causados.

A bióloga Maria Cristina Crispim, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) declarou que, atualmente, o Rio Gramame não traz grande preocupação. Mas no período do incidente, o am-

ambiente aquático ficou muito ruim. “A água ficou bastante escura. O nível de oxigênio, em alguns pontos, chegou a registrar 0,5 miligramas por litro, quando o mínimo aceitável para os peixes sobreviverem é de aproximadamente três miligramas por litro”.

A bióloga frisou que não teve mortalidade de peixe na época porque as espécies, provavelmente, se deslocaram para a parte alta do corpo hídrico, fugindo dos poluentes. Apesar de a celulose ter alcançado a desembocadura, não houve grande impacto neste trecho do rio, segundo a bióloga.

Ela conta que a equipe da UFPB continua monitorando o rio e que até dois meses atrás a situação do Gramame não estava totalmente normalizada. “Mas o rio está razoavelmente bem”, salientou.

Preocupação

A pesquisadora afirma que outros rios trazem preocupação em termos de preservação. Um deles é o Rio Paraíba. Em sua foz, há grande aglomerado urbano, o que contribuiu para o acúmulo de poluentes, sobretudo no trecho que passa pela cidade de Cabedelo.

Segundo ela, há estudos que apontam que há maior concentração de amônia na foz do Paraíba do que na porção interna do estuário. “Isso porque há esgoto em Cabedelo que é lançado na foz, enquanto que alguns esgotos de João Pessoa são lançados em rios que deságuam em outros rios, favorecendo os processos de autodepuração”, ressaltou.

Estuários são ambientes ricos em biodiversidade e beleza

Cenários paradisíacos atraem visitantes, mas são degradados pela falta de consciência ecológica do homem

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Os estuários dos rios paraibanos são um atrativo a mais para banhistas locais e turistas. Ricos em biodiversidade, eles são ambientes para contemplação e lazer. As águas mornas dessa transição entre o rio e o mar concentram-se em verdadeiras piscinas naturais, rodeadas por espécies vegetais, formando um cenário paradisíaco.

O casal Riquelmy Fabrício de Brito Garcia e Emilly Rinaly Silva Nascimento, costuma tomar banho na desembocadura do Rio Gramame, na capital. "A gente prefere ficar na foz porque é mais tranquilo, a água é morna, sem falar que é muito bonito", confessou Riquelmy.

A estudante Emilly Rinaly acrescentou que, muitas vezes, a beleza natural é prejudicada pelo lixo deixado por alguns frequentadores do local. Ela lamentou essa falta de conscientização. "É muito importante preservamos o meio ambiente, mas, infelizmente, tem gente que não pensa assim. Costumamos recolher nosso lixo, porque, se poluirmo a natureza, as próximas gerações não terão acesso a lugares tão bonitos como esse", destacou.

Morador do Geisel, o vendedor Guilherme Macêdo conhece o estuário do Gramame há mais de dez anos, e confessa que é grande admirador do Litoral paraibano. "Não preciso viajar para fora da Paraíba para admirar paisagens inesquecíveis. O passeio no Litoral Sul não tem igual. Pena que o ambiente vem se modificando ao longo do tempo. Aqui, na foz do Gramame, exis-

tiam mais árvores, mais vegetação. Mas as pessoas degradam e não descartam corretamente os resíduos".

No dia em que foi feita a reportagem, Guilherme Macêdo mostrou à equipe uma espécie de caixa, de material não identificado, sobre a areia da praia. "Vim pescar com um amigo e encontrei na areia essa espécie de caixa, feita de um material emborrachado", lameta.

As águas mornas da transição entre rio e mar concentram-se em piscinas naturais, rodeadas por espécies vegetais



Foto: Marcus Antonius

O ambiente salobro que se forma na foz de um rio é rico em nutrientes e, por isso, é local propício para alimentação e reprodução de diversas espécies da fauna marinha e de água doce



Sudema realiza monitoramento

Monitorar a qualidade da água e fiscalizar ações de degradação ambiental. Essas são ações que a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) realiza nos rios do Estado. Semanalmente, as atividades se concentram nas fozes, com a análise da água. Trimestralmente, o trabalho é voltado para todo o percurso dos corpos hídricos, até a desembocadura.

A equipe atua nos principais rios do Estado, totalizando mais de cem estações de amostragens coletadas, onde são mensuradas características físico-químicas e microbiológicas da água. Além disso, é feita a fiscalização de desmatamento e deposição irregular de resíduos sólidos, bem como a gestão das unidades de conservação e parques estaduais, além do atendimento a possíveis emergências ambientais.

O químico industrial João Carlos de Miranda e Silva, coordenador de Medições Ambientais da Sudema, afirma que entre os problemas detectados nas fozes dos rios do Estado estão o acúmulo de lixo, a ocupação irregular

em áreas ribeirinhas, o desmatamento, e o lançamento de efluentes domésticos, devido à falta de saneamento em alguns trechos dos rios.

Abrigos

Sobre a importância das desembocaduras dos corpos hídricos, João Carlos declara que elas servem de abrigo da biodiversidade. Esse ambiente salobro, rico em nutrientes, é um local propício para alimentação e reprodução de diversas espécies da fauna marinha e de água doce.

Ele destaca que o respeito à desembocadura dos cursos naturais de água contribui ainda para a manutenção da saúde humana. "Existe a questão sanitária, que envolve a proteção da saúde das pessoas que desenvolvem atividades nesses ambientes, como os marisqueiros, pescadores, banhistas e pesquisadores", citou o químico industrial. "Portanto, ao preservarmos a foz de um rio, tanto cuidamos do rio quanto do local onde eles desembocam", completou.

COMO CONTRIBUIR COM O MEIO AMBIENTE

A população pode colaborar para evitar a degradação da foz e de toda extensão dos rios adotando ações ecologicamente corretas. Veja algumas orientações da Sudema:

- Não destruir matas ciliares que protegem essas áreas;
- Não direcionar tubulações de esgoto doméstico para a calha dos rios;
- Recolher de maneira correta os resíduos sólidos;
- Exigir do poder público ações de saneamento básico e de controle ambiental por parte dos gestores;
- Denunciar qualquer ação de degradação ambiental, comunicando aos órgãos fiscalizadores. Um deles é o da Sudema: 3218-5591.

SAIBA MAIS

- Um dos aspectos importantes das fozes dos rios, segundo a bióloga Maria Cristina Crispim, é que eles têm grande potencial para o ecoturismo. "Práticas como a realização de trilhas aquáticas em canoas e caiaques, apesar de terem um grande potencial, ainda são pouco exploradas. Os mangues só existem em regiões tropicais, e os turistas poderiam visitar esses ambientes, observando os caranguejos, as adaptações específicas das árvores de mangues, coisa que não tem nas suas regiões", frisou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

A história (quase) definitiva de um memorialista sem memória

Esta autobiografia não autorizada contém a história de vida de um sujeito que já viveu 65 anos e se encontra em estado de novo, mas devidamente etiquetado como elemento do grupo de risco no nervosismo da pandemia do coronavírus. Convém registrar meu depoimento para facilitar o trabalho das pessoas que se ocuparem em falar mal de mim após meu despacho. Ortotanásia é um termo mais decente e metido a cerebral. Trucentas pessoas já escreveram livros com o título de "autobiografia não autorizada" que a piada já perdeu a graça.

Meu editor sugeriu substituir o subtítulo e minha revisora recomendou não enfileirar palavras começadas com a letra "s" numa mesma frase. Resolvi não atender a ambos só pra contrariar e em homenagem a um tenente de polícia que conheci, do qual fui escrivão "ad hoc". Esse tenente gostava de ditar dossiês... Deixemos para o momento oportuno essas lembranças minhas do tempo em que

fui datilógrafo de delegacia de polícia e de escritório do Exército. Deliberei espalhar essa narrativa no presente livreto pela ordem e progresso a partir do meu aparecimento no mundo até a ordem de despejo, esperando não seja esta última autorização emitida antes de eu pingar o ponto final nessas minhas memórias memoriosas.

Esclarecida a técnica e as possíveis motivações, o leitor poderá indagar: "quem é esse Fábio Mozart na fila do pão e por que o planeta deveria sofrer mais uma agressão e degradação com o uso de papéis estampando as memórias da pífia existência do obscuro autor?"

O esclarecimento desse e de outros mistérios ver-se-á nas próximas mesóclises. Minhas vivências progressas, ao não interessar a ninguém, tornar-se-ão clássicos do princípio da insignificância. Este memorial poderá ser classificado como crime no código da mediocridade, mas o resultado é tão miúdo que não merece punição. É a regra da frivolidade e

bobagem aplicada à má literatura.

Na verdade, estes escritos fazem parte do portfólio que entregarei a Deus no egrégio tribunal celestial, data vênica, no momento de prestação de contas de mim mesmo ao etéreo Juiz, conforme assinalado em Romanos 14-12. Para facilitar o andamento do processo. Tudo organizadinho, com a sinceridade e lisura possíveis. O fato de eu ser ateu não invalida a intenção de dobrar meu joelho mutilado pela artrose diante da divindade. Pausa para esclarecer que não acredito em nada, nem no ateísmo. Outro intervalo para literatura de facebook: "ateu não é aquele que não acredita em nada; ateu é o que está aberto a crer em tudo, desde que tudo tenha evidências". De uma forma ou de outra, fio-me nos deuses. Por via das dúvidas, inclusive.

Surgindo a ocasião de arbitragem post mortem, prefiro estar preparado com essas folhas onde conto tudo e não escondo nada, mesmo porque na outra

vida eles usam um detector de mentiras mega perfeito. Esse polígrafo sobrenatural descobre se você está mentindo não pelo ritmo cardíaco, pelo suor, respiração e pressão. Ele rastreia suas reações mais íntimas, tipo aqueles reflexos disparados quando sua mulher abre seu celular. É mais arte que ciência. Os céus sabem o que fazem.

A verdade absoluta é que o suicídio seria a última coisa que eu faria na vida, mas não estava preparado para nascer. Encarnar é uma espécie de suicídio reverso, sendo que você mete a cara no mundo arbitrariamente. Na condição de espermatozóide, ganha-se uma competição idiota com 300 milhões de concorrentes para fecundar um óvulo, espécie de vestibular.

Pronto, a célula do zé ruela desmente as pesquisas qualitativas e quantitativas e vence. Na maioria dos casos, trata-se da única vitória importante na vida do suplicante que acaba de fertilizar sua futura e desabastecida mãe.

Profissionais vão atuar com indígenas venezuelanos na PB

Curso de formação discutirá estratégias de proteção social dos imigrantes da etnia Warao no Estado

Fotos: Mano de Carvalho

O Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), iniciou na última sexta-feira (2) o Curso de Formação para os profissionais dos Centros de Referência de Assistência Social (Cras), Centros de Referência Especializados de Assistência Social (Creas) e Conselheiros Tutelares dos municípios de João Pessoa e Campina Grande que estão atuando diretamente na assistência aos indígenas venezuelanos da etnia Warao na Paraíba.

A formação tem como tema Vulnerabilidades e Impactos Socioculturais diante da Covid-19: Estratégias e Ações de Proteção Social na Relação entre os Waraos e a Política de Assistência Social, que será discutido durante sete encontros quinzenais e acontece até 18 de dezembro, no formato remoto por meio da plataforma Google Meet.

O objetivo do curso é discutir as vulnerabilidades e impactos socioculturais dos imigrantes venezuelanos indígenas da etnia Warao diante da Covid-19 e as demandas postas para a Política de Assistência Social.

A professora Mércia Rangel Batista, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG, disse que trabalhar com os grupos que estão sofrendo em função da Covid-19 pareceu uma pauta interessante. "Fiquei muito contente em ser acolhida pela equipe da Sedh para desenvolver juntas um trabalho de reflexão nos caminhos do atendimento da assistência aos Waraos. Penso que, através desse elo, possamos gerar uma prática e reflexão, para que no final chegue permitindo, não só os

Waraos, mas outros grupos, um lugar na sociedade que lhes permita continuar sendo Waraos aqui no Brasil", disse.

Este curso é mais um desdobramento das ações que já vêm sendo realizadas para garantir assistência às famílias venezuelanas no Estado, como a implantação do Projeto das Casas de Abrigamento.

Ações importantes

A Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano, por meio de um convênio celebrado com a Ação Social Arquidiocesana (ASA), da Arquidiocese da Paraíba, desde abril vem acolhendo essa população que migrou para as cidades de Campina Grande e João Pessoa. Atualmente, há cerca de 230 indígenas Waraos, entre homens, mulheres, crianças e pessoas idosas, em situação de vulnerabilidade social, abrigados em seis casas. Os espaços são frutos do convênio no valor de R\$ 1 milhão.

As Casas de Abrigamento estão localizadas nos bairros de Roger, duas em Jaguaribe, Torre, Centro e Ernani Sátiro. De acordo com o Padre Egídio, coordenador do Projeto, além da estruturação da casa com fogão, geladeira, freezer, ventiladores, cadeiras, redes e colchões, há o fornecimento de alimentação semanalmente de acordo com os hábitos dos indígenas e o acréscimo de leite e fraldas, devido ao grande número de crianças nas famílias. A assistência social é prestada pelas equipes dos Cras do território em conjunto com a equipe estadual, que articula as ações, acompanha, orienta, assessora e apoia a política de assistência social local.

O secretário do Desenvolvimento Humano, Tibério



A Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano e a Arquidiocese da Paraíba desde abril estão acolhendo essa população que migrou para as cidades de CG e JP



Existem cerca de 230 indígenas Waraos em situação de vulnerabilidade

rio Limeira, comentou que essa ação se tornou um compromisso do Governo do Estado com a pauta dos indígenas venezuelanos: "Desde março vimos somado esforços no abrigamento desse grupo, colocando a política pública em favor daqueles que dela necessitam. Buscamos junto com os outros órgãos entender as problemáticas que envolvem o povo dessa etnia específica, suas vulnerabilidades, as nossas possibilidades de ação. A Sedh, nesse sentido, cumpre um papel muito importante contribuindo para que a cidadania desse povo seja respeitada e assegurando direitos", afirmou Tibério.

O cacique Epifanio Moreno, 55 anos, externou sua felicidade por hoje estar

sendo bem acolhido. "Eu estava muito preocupado porque onde estávamos era perigoso, agora estamos tranquilos e felizes. Só tenho a agradecer muito ao governador da Paraíba pelo acolhimento, a minha intenção é ficar aqui no Brasil", disse ele.

Já o líder Nelson Mata, 39 anos, casado e pai de 4 filhos, confessou que estava vivendo numa condição muito difícil no seu país, e por isso buscou no Brasil um apoio. "Estávamos todos em muita dificuldade na fronteira. Esse apoio do Governo e da igreja tem sido fundamental para deixar o nosso povo mais tranquilo na Paraíba. Aqui conseguimos nos sentir mais aliviados", disse agradecido.

Meio ambiente

Congresso Brasileiro de RPPNs vai acontecer em novembro

Beatriz de Alcântara
Especial para o Jornal A União

Nos dias 4, 11, 18 e 25 de novembro acontece o 6º Congresso Brasileiro de RPPNs (Reservas Particulares do Patrimônio Natural), que visa fortalecer os relacionamentos entre proprietários de RPPNs e apoiadores da causa, além de favorecer trocas de experiências ligadas à área e reforçar para a sociedade a importância, a função e a contribuição das RPPNs para a conservação da natureza e da biodiversidade. A inscrição deve ser feita através do site www.rppn.org.br

Representando a Paraíba, o Congresso deste ano conta com o apoio institucional do Governo do Estado, através da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), do Batalhão de Polícia Ambiental da Polícia Militar do Estado da Paraíba, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da Universidade Federal de Campina Grande

(UFCG), do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e do Instituto Nacional do Semiárido (INSA).

Devido à pandemia da covid-19, o congresso acontecerá de forma remota, nas tardes de quarta-feira do mês de novembro. Apesar do formato diferente do habitual, a organização do evento estima mais de 2 mil participantes, dentre "proprietários e herdeiros de RPPNs, gestores de reservas, gestores públicos, representantes da iniciativa privada, representantes de Organizações Não Governamentais, consultores, pesquisadores, estudantes e demais interessados em debater o futuro das RPPNs brasileiras", destacou Ramiro Manoel Pereira, ambientalista e articulador na Paraíba do VI Congresso Brasileiro de RPPNs 2020.

Dentre os destaques da programação, estão a mesa de abertura com o tema de Conservação & Saúde, seguida do painel de Educação Ambiental e, posteriormente, do painel sobre Incêndios Florestais. No segundo dia de evento

será possível conferir um painel sobre Sustentabilidade Financeira das RPPNs, outro sobre Biodiversidade e também uma roda de conversa com Associações Estaduais e Regionais.

Nos dois últimos dias se distribuem painéis sobre Planejamento Territorial, Aracabouço Legal das RPPNs, Pesquisas Científicas, Turismo e também rodas de conversas com órgãos municipais e estaduais ligados ao Meio Ambiente e com representantes de RPPNs Corporativas. A programação completa do CBRPPNs 2020 está disponibilizada no site www.rppn.org.br

O que são RPPNs?

As Reservas Particulares do Patrimônio Natural são "unidades territoriais de conservação e que estão presentes tanto no campo, quanto nas cidades. As áreas particulares protegidas no Brasil já estavam previstas desde o Código Florestal de 1934, eram chamadas de florestas protetoras, onde essas áreas permaneciam de posse e do-

mínio do proprietário e eram inalienáveis", explicou Ramiro.

Ainda de acordo com o ambientalista, há 20 anos a Lei de nº 9.985 instituiu o Sistema Nacional de Unidade de Conservação, que passou a categorizar as RPPNs como unidades de conservação do grupo de uso sustentável. "Segundo o art. 21 desta Lei, a RPPN é uma área privada, gravada com perpetuidade, com o objetivo de conservar a diversidade biológica. É de domínio privado, sendo que seu proprietário não perde a titularidade do imóvel", complementou Ramiro Manoel.

A criação desse tipo de reserva contribui na ampliação das áreas protegidas do país, bem como possibilitam a participação da iniciativa privada no esforço nacional de conservação, conforme pontuou Ramiro. Elas também "contribuem para a proteção da biodiversidade dos biomas brasileiros e são um legado às futuras gerações", completou.

Segundo dados do Instituto Chico Mendes de Conservação

da Biodiversidade (ICMBio), do Governo Federal, a Paraíba possui apenas nove, dentre seus 223 municípios com RPPNs, são eles: Araruna, Catingueira, Santa Rita, Santa Teresinha, São João do Cariri, São José dos Cordeiros, São Mamede, Sapé e Solânea.

Em todo o Nordeste, a Bahia é o Estado com maior número de RPPNs, de acordo com o ICMBio, com 114. "O Ceará tem 37, o Maranhão e Pernambuco tem 12 cada um, a Paraíba tem 9, Sergipe tem 8, o Rio Grande do Norte e Alagoas tem 7 cada um e o Piauí tem apenas 6 RPPNs. Se formos, comparar com estados do sul, o Nordeste tem pouquíssimas RPPNs", destacou Ramiro.

"Desejamos que ao participar do VI CBRPPN (2020) muitos proprietários da Paraíba, que já conservam suas terras, possam ser estimulados a formalizar junto as instituições de Meio Ambiente uma nova RPPN em parte de sua propriedade, deixando um belo legado para as futuras gerações", finalizou o ambientalista.

Estado da PB integra Aliança Tropical de Pesquisa da Água

Iniciativa une o Brasil e a Austrália na busca por soluções para os problemas dos mananciais de ecossistemas tropicais

Márcia Demenstshuk
Especial para A União

Terra, planeta água. Setenta e cinco por cento de sua superfície é coberta por águas, mas 97% delas são salgadas, sem condições para as pessoas usarem no dia a dia. Mais ou menos 12% das reservas de água doce superficiais existentes no mundo inteiro correm por leitos de rios brasileiros. Porém, essas águas se concentram no Norte do país, na Amazônia (80%). Outras regiões, como o Semiárido no Nordeste, sofrem longos períodos de secas, com diversas consequências sociais. É nesse contexto que a Paraíba passa a integrar a Aliança Tropical de Pesquisa da Água, uma aliança entre Brasil e Austrália na busca de soluções aos problemas relacionados à água em ecossistemas tropicais.

A Paraíba é o terceiro Es-

tado no Brasil a firmar a parceria, uma articulação feita pelo professor José Etham de Lucena Barbosa, coordenador do Laboratório de Ecologia Aquática da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e o presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, a Fapesq, Roberto Germano, em torno de instituições e empresas relacionadas à água como a Cagepa, Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba e o Instituto Nacional do Semiárido, com ampla infraestrutura para pesquisas voltadas ao bioma caatinga e tem nos recursos hídricos um dos temas estratégicos.

"A participação da Aesa e da Cagepa nesta aliança demonstra um diálogo de políticas públicas estaduais para a resolução de problemas. A Cagepa criou recentemente uma Gerência de Inovação pela relevância do emprego da tecnologia para a resolu-

ção dos problemas, ao que vem somar à Aliança Tropical. Por outro lado, a Universidade Estadual da Paraíba, com as demais instituições federais de ensino superior, estão presentes em 38 municípios no interior do Estado produzindo ciência. Além disso, o INSA, um instituto federal voltado aos desafios do Semiárido, se integra à aliança com seu arcabouço de conhecimentos. Temos, portanto, a tríplice hélice muito bem representada com empresa, academia e governo, em prol da melhoria de vida da população", salienta Roberto Germano.

O desenvolvimento da iniciativa da Aliança Tropical é liderado pelo Australian Rivers Institute da Griffith University, na Austrália. O coordenador geral no Brasil é José Francisco Gonçalves Jr., da Universidade de Brasília. Os estados do Paraná e Espírito Santo implementaram a



iniciativa que agora está em andamento na Paraíba.

Roberto Germano fala, ainda, que abraça a ideia de construir com os parceiros nacionais uma aliança histórica com a Aliança Tropical:

"Inicialmente, trabalhamos para fortalecer essa aliança, primeiramente, no seio do Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa, o Confap, para a aliança adquirir o caráter nacional,

o que está em franco avanço. Em seguida, fizemos o diálogo com nossos parceiros estaduais que reconhecem a extrema importância desta área - a gestão das águas - para o desenvolvimento do nosso Estado.

Brasil tem maior reserva do mundo, mas grande parte está no subsolo

Dos 3% da água doce no mundo, cerca de 2,5% estão nas geleiras dos polos, cumprindo um papel importante no equilíbrio da temperatura terrestre (e que lá permanecem, apesar dos registros de derretimento de geleiras por causa do aquecimento global. Mas essa é outra história). Contando as águas doces superficiais, que estão em rios e lagos e podem ser captadas para consumo humano, para animais e para a agricultura, sobram cerca de 0,5% de águas doces no mundo (fonte: Agência Nacional das Águas). No Brasil está a maior reserva de água doce no mundo (entre 12% e 13%), seguido da Rússia (cerca de 10%), Canadá, Estados Unidos e China (mais ou menos 6% cada um).

A maior parte das águas doces no Brasil está nos aquíferos, no subsolo. As águas boas para consumo pelas pessoas, por animais e para a irrigação agrícola são



Foto: Mano de Carvalho

Apenas 28% dos nordestinos têm atendimento de esgotos e somente 36% do esgoto é tratado antes de voltar ao meio ambiente

captadas e distribuídas à população por empresas concessionárias e a quantidade é controlada por agências reguladoras. Nesse processo as águas passam por tratamentos que custam caro, tanto

para a distribuição quanto para o descarte de volta ao meio ambiente, na forma de esgoto.

Apenas 28,01% dos nordestinos têm atendimento de esgotos, segundo levanta-

mento de 2019 do Instituto Trata Brasil. Mas somente 36,24% desse esgoto é tratado antes de retornar ao meio ambiente. A água tratada chega na residência de 74,21% da população no

Nordeste. Mas esses são índices do consumo pelas pessoas. A água também é matéria-prima fundamental para agricultura, para a produção industrial - para produzir um copo de 250ml de cerveja precisa de 74 litros de água -; cabras, bodes, criados pelas famílias no interior do Nordeste precisam de água.

Nessa perspectiva, se "money makes the world go round", como diz a canção do musical Cabaret (produção original de 1966 na Broadway), "a água faz o mundo viver", ressalta José Etham de Lucena Barbosa, coordenador da Aliança Tropical de Pesquisa da Água na Paraíba. "Desde a década de 1969 as missões espaciais da NASA buscaram indícios da existência do componente água em outros planetas, pois as condições de formas de vida como conhecemos estão na prerrogativa da existência de água. Toda a prática do processo de desenvolvimento da vida

Dos 3% da água doce no mundo, cerca de 2,5% estão nas geleiras dos polos

tem na água o componente essencial. Dentro de cada ser humano tem 60% de água; 90% de uma folha de alface é água", considera José Etham, referência nacional em pesquisas científicas em água.

Esta é a realidade que precisa de uma intervenção articulada e gerenciada de forma eficiente para que o direito à água, ao saneamento básico seja efetivado e as metas da Agenda 2030, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis, sejam alcançadas. A Aliança Tropical de Pesquisa das Águas formada na Paraíba estará voltada para buscar soluções através do conhecimento científico.

Governança na gestão das águas

Os desafios ambientais exigem uma abordagem multidisciplinar e contextualizada localmente para a gestão eficiente da água. As parcerias entre instituições e redes de pesquisa são essenciais. A Aliança Tropical considera que as atividades de pesquisa atenderão melhor às necessidades da sociedade se estiverem vinculadas com a indústria, o governo e a sociedade civil.

Na Paraíba, a Aliança Tropical foi construída dentro dessa visão. Os parceiros destacaram a importância de ações visando a segurança hídrica: oferecer água de boa qualidade, em

boa quantidade. É importante desenvolver tecnologias para dessalinizar a água, para o tratamento, além de estratégias para o uso sustentável da água.

"A Aliança Tropical atua como uma governança de águas tropicais", explica José Etham. "Essa palavra governança é como um guarda-chuva de ações complexas que vão desde a execução de projetos ambientais das bacias hidrográficas, legislação, tratamento de água, da dessalinização de poços, entre outras ações. Olhar para a bacia hidrográfica como fonte e recurso para populações que vivem em seu entorno e dela

sustentam-se economicamente nos faz entender que esse recurso explorado precisa ser gerenciado de forma a respeitar seu tempo de recuperação para que ele esteja sempre ali e não seja extinto", afirma José Etham.

A TWRA, como é chamada na sigla em inglês Tropical Water Research Alliance, oferece amplo suporte tecnológico de serviços, com subsídios para gestores ambientais para articular redes governamentais, gestão de água, gestão ambiental, comunidades e demais instituições relacionadas. É possível, por exemplo, contar com a

realização de análises químicas com acurácia, valores de mercado mais acessíveis e confiabilidade pautada na legislação internacional. Além do avanço em pesquisas em tecnologias de dessalinização da água disponível em açudes e no subsolo da Caatinga na Paraíba e melhorias nos sistemas de tratamento para a distribuição de água potável e esgotamento sanitário. Fapesq, UEPB, Aesa Cagepa e Insa, parceiros no Aliança Tropical de Pesquisa da Água, pelo direito que as pessoas têm de ter água boa para consumo humano, para os animais e para a agricultura e saneamento básico.



Foto: Arquivo do Jornal A União



Fotos: Roberto Guedes

A Casa da Pólvora era um local de armazenamento de munição para a defesa da cidade na época colonial, e o lugar possui visão estratégica para o rio Sanhauá

As digitais das lutas no itinerário da cidade

Vestígios dos conflitos vividos pela capital estão em monumentos, placas, ruas e bairros

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Desde a chegada dos portugueses, em 1585, e ao longo de sua história, a cidade de João Pessoa foi cenário de intensos conflitos. Esses embates, impressos nos livros de História, não são apenas registros no papel. Eles são palpáveis e estão marcados até hoje em diversos pontos do município, em prédios históricos construídos à época e que foram usados como “observatórios” para evitar invasões inimigas. Com a lupa da história, é possível conferir as digitais dos confrontos em fachadas de igrejas, em placas nas quais há relatos das lutas que interromperam a paz em que viviam os nativos. Os rastros dessas batalhas, portanto, vêm desde a conquista.

“Para se fundar o que é hoje a Paraíba, antes de haver a ‘pacificação’, houve muito derramamento de sangue e esta violência da guerra continuou perdurando em nossas terras pelos séculos seguintes”, disse o professor e historiador George Henrique de Vasconcelos, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A invasão dos portugueses para se apossarem das terras paraibanas e começarem a edificar a cidade rendeu várias expedições pelo atual Rio Paraíba e custou muitas vidas. Até as nações indígenas Potiguara e Tabajara foram jogadas uma contra a outra pelos invasores. O povo Potiguara se aliou aos franceses, enquanto os índios da tribo Tabajara - nômades vindos do Sul da atual Bahia, décadas antes da fundação da cidade - se uniram aos portugueses.

George Henrique de Vasconcelos explicou que, na época, Portugal se encontrava sob a União Ibérica - união dos reinos de Portugal e Espanha - e existiam

diversos comandantes espanhóis combatendo na Paraíba ao lado dos portugueses. O mais conhecido era o capitão espanhol Francisco de Castejón, à frente do Forte S. Felipe e São Tiago, hoje Forte Velho. “Ali, se deu um dos momentos mais intensos da guerra, que resultou na destruição do forte pelos franceses e pelos indígenas Potiguara, habitantes originais destas terras”, relatou.

O interesse francês na Paraíba estava ligado ao pau-brasil, árvore nativa de onde se extraía uma tinta avermelhada usada para tingir tecidos. Burgueses e nobres franceses, em especial da região da atual Normandia, financiavam as expedições marítimas ao Brasil, geralmente lideradas por piratas e corsários a serviço do rei da França. A aliança com os Tabajara facilitou a ocupação pelos portugueses, e foi a partir dela que ocorreu a fundação da cidade. Derrotados, os Potiguara se refugiaram no Litoral Norte da capitania, mas os conflitos com os Potiguara e seus aliados franceses continuaram mesmo após 1585.

Os resquícios dessa história estão no atual Porto do Capim. Ali, conforme o historiador, havia o Forte do Varadouro, construído pelos portugueses com a ajuda dos Tabajara, logo após a fundação da cidade de Filipéia. O único registro iconográfico deste forte data da metade do século 17, de uma gravura holandesa. “Ele ficava logo na beira do rio e era a porta de entrada para a cidade, protegendo o porto contra invasores que viessem pelo rio. Hoje, seus resquícios arqueológicos jazem abaixo de onde hoje está a comunidade, a linha férrea e a Vila Sanhauá. Por incrível que pareça, ainda há peças de artilharia antigas enterradas ali”, contou.



Marcas da Revolução de 1817

A Revolução de 1817 foi um dos conflitos mais sangrentos em João Pessoa e suas marcas estão em vários pontos da cidade. Uma delas, na fachada de uma ruína, situada na Ladeira de São Pedro Gonçalves, no Varadouro, bem próximo à ferrovia. O letreiro indica o local onde foram expostas a cabeça e mãos de Amaro Gomes Coutinho, tenente-coronel da Milícia de Brancos da Cidade da Parahyba, senhor de engenho e um dos líderes da revolta.

Ele teve papel fundamental na construção do movimento, da conspiração até o auxílio na criação das novas leis, no envio de correspondência a todas as demais partes da capitania, visando estabelecer os acordos e o movimento nas demais vilas e povoações. Dava ordens para construção das defesas, recrutamento e constituição de novos corpos militares. Alforriou escravos de seu engenho para a luta e forneceu bens de sua fazenda para a causa patriótica. “Na chegada do exército realista, a historiografia nos diz que Amaro Coutinho, líder do exército patriota, foi traído antes da batalha decisiva, fato que desencorajou a luta e o forçou a rendição”, destacou o historiador George Vasconcelos.

Outro resquício desse conflito está na fachada de Igreja de Lourdes, na Avenida João Machado. Ali há uma placa indicativa do local em que foram expostas a cabeça e as mãos de José Peregrino de Carvalho, outro líder da Revolução de 1817, morto aos 19 anos. Considerado o símbolo principal da Insurreição de 1817 na Paraíba, foi elevado à catego-

ria de “grande herói” e principal mártir do movimento.

Durante a insurreição, partiu com militares no Porto do Capim, em barcos, até pegar a estrada rumo à capitania do Rio Grande do Norte, onde levantou a bandeira do movimento. No retorno, encontrou a cidade da Parahyba em estado de alerta, com as notícias da chegada da reação portuguesa. Confrontado por seu pai, que com uma cruz na mão pediu para que entregasse as armas e desistisse, ele se negou. A cena foi imortalizada em uma obra de arte de Antônio Parreiras, feita no começo do século passado, e que hoje está exposta no Palácio do Governo da Paraíba.

Francisco José da Silveira foi outro líder e mártir da Revolução de 1817. Ao contrário de Amaro e Peregrino, não era paraibano e sim, mineiro. Transferido para cá por ordem da coroa, serviu como tenente-coronel de Cavalaria. Era de uma família de militares e, durante a insurreição, fez parte do governo provisório instituído, sendo responsável por várias ações, entre elas, assinar ordens para a criação de novas patentes militares ao que se juntassem à insurreição. Abriu ainda o comércio para outros países que quisessem comercializar com a capitania através do Porto do Capim. Foi preso em 11 de maio de 1817, e, em seguida, enforcado. Os restos mortais foram expostos na fachada do prédio da Fundação de Apoio à Pesquisa (Funape), da UFPB, na Praça Rio Branco, Centro de João Pessoa, onde há um letreiro com o relato histórico.

NAS “PEGADAS” DA HISTÓRIA

■ **Por que Cruz das Armas?** – Os primeiros registros desta região da cidade datam entre os séculos 18 e 19, quando o local era chamado de “Cruz das Almas”. Segundo a Revista do Instituto Histórico e Geográfico (IHGP), de 1937, era chamado assim devido a um cruzeiro erguido pelos jesuítas que ali viviam. O nome também é atribuído às orações que moradores realizavam pelas almas dos negros escravizados que, segundo as superstições da população na época, ali rondavam. Havia aldeamentos indígenas na área que era de mata dali até a região da Ilha do Bispo (comunidade Índio Piragibe), próxima do Engenho da Graça. Os motivos de ter se transformado em “Cruz das Armas” nos anos posteriores são desconhecidos e não estão diretamente relacionados a conflitos armados. No entanto, há uma versão muito difundida que atribui o nome à presença do 15º Batalhão de Infantaria do Exército que, antes, havia sido o quartel do 22º Batalhão de Caçadores, cujo símbolo são dois fuzis entrecruzados.

■ **Rua das Trincheiras** – A Rua das Trincheiras foi um ponto de defesa durante a Guerra dos Mascates, em 1870, por conta dos entrenchamentos de tropas ocorridos ali. Na época, a cidade era um povoamento bem menor, sem a expansão para o Leste/Sul que hoje possui. “Os levantados na capitania de Pernambuco, em 1710, não tiveram a mesma adesão da Paraíba. Sendo assim, o então capitão-mor João da Maia Gama decidiu reforçar as defesas da capitania contra uma possível invasão vinda dos vizinhos do Sul, construindo as Trincheiras na saída da Cidade da Parahyba. Daí o nome da rua ainda hoje”, explicou o historiador George Vasconcelos.

■ **Mosteiro de São Bento** – Situado no número 36, da Rua General Osório, o prédio do Mosteiro de São Bento ostenta uma placa que marca outro fato histórico. Ela diz o seguinte: “Neste Mosteiro de São Bento, no dia 6 de maio, os revolucionários paraibanos de 1817, que haviam implantado a República em nossa terra, renderam-se condicionalmente às tropas do despotismo português”. Isso, conforme Vasconcelos, representou o fim do projeto político de uma elite letrada e sob influência das ideias liberais e republicanas vindas da Revolução Francesa, de vermos já naquele período uma nação nova, independente e separada de Portugal. “Os patriotas paraibanos, aliados aos pernambucanos, potigueres e à região do Crato (CE), levantaram armas, expulsaram as autoridades portuguesas e constituíram aqui, durante três meses, novas leis, bandeira própria e um novo governo com características republicanas, que afrontava diretamente o absolutismo português do então rei Dom João VI. A reação portuguesa na Paraíba foi implacável”, constatou.

■ **Casa da Pólvora** – Como o próprio nome diz, a Casa da Pólvora era o local de armazenamento de munição para a defesa da cidade. O lugar possui, desde a época da colonização, visão estratégica para o rio. “De lá, é possível ter uma ampla visão de todo o rio que banha a cidade de João Pessoa. Em 1817 durante a insurreição, há registros de ordens para que toda a pólvora localizada na cidade fosse apreendida para usufruto dos patriotas. Porém, ali diretamente não há registros de luta armada”, ressaltou George Vasconcelos. Durante a Insurreição, segundo ele, os conflitos armados ocorreram em outras áreas da cidade e em seus arredores, como por exemplo no relato que consta onde cercaram a então Casa do Ouvidor e quando houve a resistência final no Mosteiro de São Bento, último reduto rebelde. Há evidência também, conforme acrescentou o historiador, do armazenamento de pólvora por parte dos patriotas que fora escondida na povoação em Tambáú.



Na frente da Igreja de Lourdes, foram expostas a cabeça e as mãos de José Peregrino de Carvalho



Placa na fachada do Mosteiro de São Bento indica local onde membros paraibanos da Revolução de 1817 renderam às tropas portuguesas



Ivan Tomaz

Um nome exponencial da crônica esportiva paraibana

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@uol.com.br

Ivan Tomaz da Silva, o menino de classe média que nasceu no Brejo paraibano, queria ser marinheiro, mas após dois anos na Marinha de Guerra do Brasil resolveu deixar a farda e jogar futebol. Espiritoso, alegou para os pais que não era ilha para viver cercado de água. E pronto. Mudou-se para a Capital e optou em assinar o passe no Grêmio Esportivo Pibigás, como médio-volante. Era um razoável jogador, porém enxergou que bater com os pés em uma bola ainda não era o que queria. Optou pela rádio transmissão futebolística e acertou no alvo profissional, que só abandonaria com a morte.

Em 1969, Ivan Tomaz deu sinal de que forneceria um bom legado para o radiojornalismo, com assuntos sobre o futebol, ao ser eleito “o melhor locutor esportivo do ano” pela Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba (Acep). “Para isso prevaleceram a ótima dicção, o desembaraço ao microfone e as novidades aplicadas nos bordões que criava, durante as transmissões, além de ser muito criativo e dedicado ao que fazia”, explica seu amigo de trabalho e contemporâneo da Rádio Tabajara, o cronista esportivo Eudes Toscano.

Quando foi disc jockey das rádios Arapuan e Tabajara, nos tempos da inquieta Jovem Guarda dos anos de 1960, Ivan gostava de encabular as mocinhas e dizia, em pleno ar: “você que está na praia, com seu namorado, cuidado, hein, pois dentro d’água faz bolinha”.

Era um cara alegre, piadista e que gostava de botar apelidos nos outros. Por exemplo, o Botafogo recebeu três jogadores novos, sendo que dois se chamavam Chico e um tinha um apelido indecente. Ivan batizou cada um deles com as alcunhas de “Chico Matemático”, porque o rapaz era estudante de engenharia; e “Chico Tempestade”, por ele ter se transformado numa verdadeira tempestade em campo, com seus perfeitos passes, gols e chutes infalíveis. Quanto ao terceiro rapaz, por ser raquítico, embora exímio jogador, ele eliminou a alcunha indecente e batizou-o de “Fantick”. Um dia, ele perguntou ao controlista de som da Rádio Correio como era o nome dele. Resposta: Francisco de Assis. Tomaz emendou: “Não, como você é pequenininho, de hoje por diante serás Coquinho”. E ficou Coquinho.

Os amigos relatam essas e outras boas lembranças relativas a Ivan Tomaz. “Eu gostava dele, porque era muito sincero e me ensinou muitas coisas, principalmente a se portar por trás do microfone, do qual possuía o maior medo”, lembra o servidor estadual e aposentado da antiga Saelpa, Marcelo Almeida, que trabalhou com Ivan na Rádio Arapuan, em João Pessoa.

Sem ter em quem mais colocar apelidos, Ivan terminou aceitando um que botaram nele: “Xixi.” Ele não se incomodava,

mas ficava um pouquinho sem jeito. Branco, dos olhos verdes e cabelos claros, Ivan às vezes era chamado de “alemão.” Porém, o que ele se orgulhava mesmo era de ser paraibano e, conseqüentemente, brasileiro.

Seu filho, o publicitário Alexandre Tomaz, não chegou a acompanhar o pai durante as transmissões de jogos e trabalhos no rádio, porque na época ainda era criança. Porém, ele recorda a paixão de Ivan Tomaz pela crônica esportiva. “Ele respirava rádio e nos contava muitas histórias, como a de um acidente que ele sofreu ao cobrir a Copa do México com Fernando Heleno. Ele caiu em um buraco, foi hospitalizado e contava isso rindo”, relata.

Ainda de acordo com Alexandre Tomaz, seu pai foi tanto publicitário como radialista. Na segunda metade da década de 1980, ele também chegou a editar e ser o primeiro apresentador do programa Globo Esporte, na TV Cabo Branco, que é afiliada local da Globo; em sua trajetória como radialista, assumiu ainda as direções da Rádio Tabajara e da TV Correio.

Em Campina Grande, Ivan Tomaz atuou nas rádios Caturité e Borborema. Fora da Paraíba, há passagem dele ainda pelas rádios Globo do Rio e Jornal do Commercio de Recife. Foi por essa última emissora, em parceria com a Rádio Tabajara, que Ivan cobriu Copa do México. Na época que faleceu, ele era diretor de criação da Empresa de Comunicação GCA.

Ivan Tomaz, juntamente com o publicitário também Ernane Ferreira (falecido) criou o primeiro programa esportivo independente da TV paraibana, chamado Telesporte, veiculado nas TVs O Norte e Correio, na década de 1990. O programa hoje é apresentado todas as terças-feiras, ao vivo, a partir das 20h, no Canal Boom, na Midia do Youtube, por Pessoa Junior e Ivan Nunes.

O jornalista, radialista e publicitário Pessoa Júnior, que trabalhou com Ivan Tomaz, destaca o nome do amigo como um dos mais importantes da comunicação paraibana “Ele foi uma figura exponencial em vida para a nossa crônica esportiva e também na publicidade, porque era criativo, ético e, acima de tudo, um profissional de altíssima competência. Ensinou a muita gente, colocou muita gente não só no rádio, como no jornal, como também na TV”, ressalta.

Foto: Arquivo do Jornal A União



Ivan Tomaz chegou a editar e ser o primeiro apresentador do programa Globo Esporte, na TV Cabo Branco, que é afiliada local da Globo; em sua trajetória como radialista, assumiu ainda as direções da Rádio Tabajara e da TV Correio

Show de narração na Copa do México, em 1986

Ao longo de seus 32 anos de rádio, Ivan acumulou muita experiência e narrou muitos títulos. Na Copa do Mundo de Futebol de 1986, no México, ao lado do também cronista esportivo Fernando Heleno e outro companheiro, deu um show de bola de transmissão. Foi convidado a ficar por lá. Mas, optou pelo amor a Paraíba e alegou: “não fico, porque aqui me falta calor humano”. O jornalista esportivo Franco Ferreira, ao lamentar na imprensa a morte de Ivan, disse que seu maior legado ao futebol em rádio foi sua narração precisa, com bordões de autoria própria, cheios de elegância e graça.

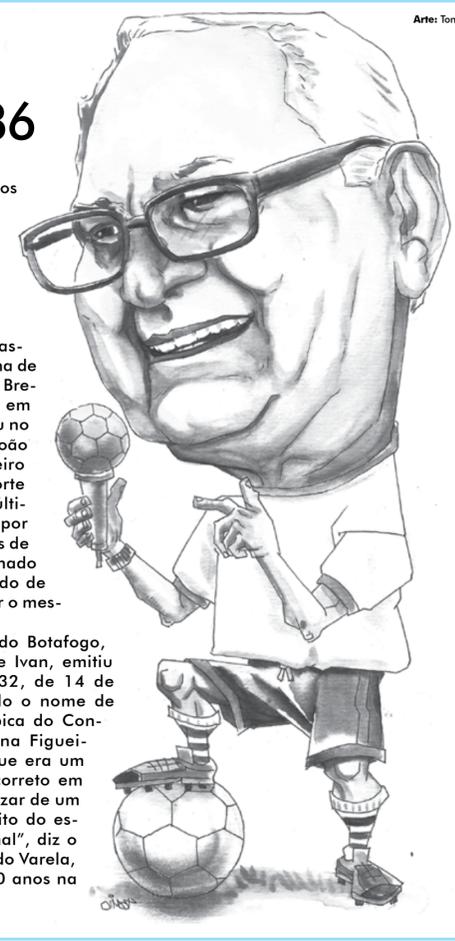
A sua memória, gravada a fogo na lembrança dos pebolistas paraibanos, ainda lhe rendeu o nome do estádio Ivan Tomaz, no Valentina Figueiredo, e o reconhecimento de algumas marcas comerciais que ele gravou com a sua voz. De quebra, ainda possuía um bom texto publicitário. Certa vez, Franco foi mostrar um texto ao representante local da Unimed. Enrolou-se. Apele para Ivan e ele, por telefone, “desenrolou” os textos e o contrato

acabou negociado. Todos os dias 7 de novembro (Dia do Radialista) a Rádio Tabajara lembra o nome de Ivan Tomaz com destaque.

Nascimento e morte

Ivan Tomaz da Silva nasceu em Remígio, numa zona de transição climática entre o Brejo e o Agreste paraibano, em 4 de abril de 1941. Morreu no Hospital Samaritano, em João Pessoa, no dia 4 de fevereiro de 2011. A causa da morte anunciada foi falência múltipla de órgãos, provocada por obstrução intestinal. Antes de morrer, ele já estava internado há 15 dias, se recuperando de uma cirurgia para resolver o mesmo problema de saúde.

O vereador Zezinho do Botafogo, um ano após a morte de Ivan, emitiu a proposição de nº 1.732, de 14 de fevereiro de 2012, dando o nome de Ivan Tomaz à Vila Olímpica do Conjunto residencial Valentina Figueiredo. “Ele mereceu porque era um radialista e publicitário correto em sua profissão, além de gozar de um inédito prestígio no âmbito do esporte futebolístico nacional”, diz o jornalista esportivo Geraldo Varela, que trabalhou mais de 20 anos na convivência com Ivan.



Arte: Tonio

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Por menos rame-rame e mais conteúdo na cobertura das eleições 2020

Há tempos os jornalistas começaram a cobrir a campanha eleitoral deste ano (talvez no abrir das urnas de 2018), mas o ritmo começou a ficar mais intenso faz poucos dias. Mesmo para quem tem anos e anos de batente, aprender um pouco mais sobre esse tipo de cobertura possibilita ganhos de conteúdo e para a cidadania. Com essa visão, coleguinhas que pensam em produzir conteúdo diferenciado podem avançar algumas casas no tabuleiro do jornalismo político, consultando o Manual GPI 2020 – Eleições Municipais.

Disponível gratuitamente na plataforma on-line, o produto é publicado desde 2016 e integra o projeto Grande Pequena Imprensa (GPI), idealizado pelo jornalista e fundador do Projor Alberto Dines (1931-2018). Importante: não é conteúdo destinado apenas a jornalistas, mas a todos os cidadãos, especialmente aqueles que sabem que política, de verdade, se faz no cotidiano.

Em sua segunda versão, o manual traz um apanhado de informações que são muito úteis para quem deseja ir além da cobertura do rame-rame

eleitoral, inclusive uma ferramenta interativa de acesso a indicadores a partir de bases de dados oficiais, como o DATASUS. Ou seja, contribui para que os profissionais de comunicação possam questionar os postulantes ao Executivo ou Legislativo municipal com maior propriedade. Assim, quem sabe o eleitorado seja poupado de ouvir, durante debates ou entrevistas, insultos típicos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.

Em relação a isso, por mais que adjetivos como “tribufu”, “esgoto da notícia” e outros ataques pessoais rendam likes e compartilhamento nas redes sociais, jornalistas têm obrigação de, ao menos, tentar elevar o nível do debate em suas coberturas. Nisso, o Manual GPI 2020 tem muito a oferecer, pois traz informações sobre temas diversos e essenciais (e com uma linguagem simples) para que os coleguinhas se apropriem melhor de conteúdos como Planejamento territorial, Direito à cidade, Gestão pública, Políticas setoriais (Educação, Habitação, Meio Ambiente, Mobilidade, Saúde, Segu-



Foto: Pixabay

Ambiente, Mobilidade e Segurança de cada município brasileiro. Além disso, apresenta comparações entre os indicadores de determinada cidade e as médias desses indicadores quando se consideram, por exemplo, municípios do mesmo porte populacional, do mesmo estado, da mesma região.

No manual, o jornalista ainda vai encontrar dados sobre “a regra do jogo”: características do eleitorado, legislação eleitoral, mudanças mais recentes sobre coligações, limite de gastos e autofinanciamento. Há ainda seções sobre questões éticas referentes à cobertura jornalística; checagem e verificação; impacto das notícias; sugestões de perguntas a candidatos; e lista de vídeos com o conteúdo apresentado no manual, com comentários e explicações de especialistas.

Confesso: estou empolgada com a publicação. E não é para menos: funciona como um curso básico para quem deseja cobrir bem o cenário político municipal, indo além das siglas, das querelas partidárias, dos xingamentos gratuitos, da falta de propostas, do quase entredito “o meu é maior do que o seu”. Fiquei tão envolvida com o Manual GPI 2020 que quase me deu vontade de voltar a trabalhar em uma ferramenta que reúne e organiza dados sobre Educação, Saúde, Habitação, Meio

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Carmen Costa - Eu sou a outra (parte III)

Carmen Costa cantava na Feira de Amostras, em Manaus, quando conheceu Hans Van Koehler, um americano descendente de holandeses, funcionário do governo dos Estados Unidos. Hans trabalhava na extração de borracha, um negócio rendoso; gostava de corridas de automóveis e circulava com interesses comerciais pelo Brasil. Num português cambaleante, Hans chama a cantora para sua mesa, iniciando uma conversa envolvente.

Em pouco tempo, Carmen Costa se torna Koehler, numa cerimônia de casamento em Belém do Pará. A vida de Carmen Costa nos Estados Unidos se divide em duas partes: 1946 e 1959. Agora começa a primeira viagem. Acompanhando o marido, ela chega aos Estados Unidos no dia 5 de julho de 1946. Carmen foi a terceira mulher de Hans Koehler (ele se casou pela primeira vez aos 18 anos de idade). Dos casamentos anteriores, Hans trazia dois filhos: Walter e Julian.

O rompimento definitivo acontece quando Carmen volta para casa depois de um show e encontra o marido com outra mulher na sua casa. “Trabalhar sustentando a casa e ainda te encontrar com outra mulher em minha cama, não dá! Pra mim, chega! Carmen volta para o Rio de Janeiro sozinha, tentando recomendar a vida mais uma vez.

Grande Otelo viaja com Carmen para São Paulo prometendo introduzi-la na noite paulistana. No entanto, as insinuações de Grande Otelo levam a outra conclusão... “Otelô! Eu conheço tua mulher! Fiquei na casa de vocês! Como é que você me vem com uma conversa dessa? Eu vim pra cantar contigo... só isso!” “Mas já que a gente tá aqui... A gente pode se acertar!” A resposta foi o lançamento de um prato direto na cabeça de Grande Otelo, que no procedimento cirúrgico ganhou quatro pontos

com o incidente. Boate Mocambo, Copacabana, 1950. O local e o ano de um encontro marcante. Um dos muitos complicados casos de amor da música popular brasileira. De um lado, Carmen Costa.

Do outro, Mirabeau Pinheiro. Caso de amor que deu música, uma filha e a certeza de que amor e sofrimento são dois sentimentos que, misturados, machucam a vida da gente.

Mirabeau tocava bateria na Boate Mocambo, quando conheceu Carmen Costa. Ela gravara uma música sobre Vila Isabel e Mirabeau compôs uma resposta. Carmen gostou da música e amigos promoveram o encontro entre os dois. O romance começou como todo romance começa. Olhares que se enciam, descobertas de afinidades... Mirabeau disse que era solteiro, pai de uma filha.

Mirabeau Pinheiro nasceu em Alegre (Espírito Santo). Instrumentista e compositor de rara intuição, era capaz de fazer músicas num momento inesperado. Ele confessou acreditar apenas em compositor de inspiração. “Não confio em música feita por encomenda”, disse ele na Revista do Rádio em 1954. Carmen Costa afirmou: “Ele era capaz de sair pela rua e, de repente, cantar uma música prontinha.” Carmen Costa gravou 33 músicas de autoria de Mirabeau Pinheiro. Foi por intermédio da voz dela que se tornou conhecido, alcançando o auge de sua carreira no período de 1953 a 1956.

Num encontro na Rádio Mayrink Veiga, os dois falaram se uniram definitivamente. Cogitam até casamento na Argentina, única solução para a união de um casal que no Brasil ainda sem a lei do divórcio, se amavam, mas tinham casado anteriormente com outro parceiro e outra parceira.

A Revista do Rádio de 16 de outubro de 1954 trouxe uma reportagem retratando Carmen e Mirabeau como um casal feliz dedicado à filha recém-nascida. O apartamento é descrito como o ideal da felicidade, com mesa florida, muita luz e fraldinhas penduradas.

No entanto, esses dois momentos retratados acima são de uma paz passageira. Da mesma forma que alternavam momentos de compreensão, incompreensões e atitudes opostas. Há reportagem com Carmen declarando que não gostaria de ver a filha casada para que ela não sofresse o que a mãe sofreu. A vida continua para os dois com as pequenas alegrias de dividir uma casa.

Carmen tinha um marido e um compositor dentro de casa. Mirabeau tinha uma mulher e um intérprete. Você já tem o homem, Carmen! – disse Linda Batista. – Deixa o compositor pra gente! O compositor Carmen não se incomodou em dividir com ninguém. Mas... o homem? Dividir esse também?

Mirabeau era casado com Sidnéia Duarte Pinheiro (com quem viveu até seus últimos anos de vida em Niterói), repartiu a vida com Carmen Costa durante quatro anos. Com o companheiro, Carmen teve a filha Silézia (registrada como filha legítima de Hans Van Koehler, quando ela volta aos Estados Unidos, em 1959). Houve alguns encontros entre Carmen e Sidnéia, encontros não muito cordiais. Carmen fazia o papel da outra.

Por que Carmen Costa e Mirabeau Pinheiro não ficaram juntos? Pergunta de difícil resposta. O mesmo mistério que faz alguém se apaixonar por alguém, também separa um do outro. Com Mirabeau, Carmen Costa fica marcada como a outra para o público. Mas, para quem vem debruçar sobre o íntimo de Carmelita Madriaga, a descoberta é que essa mulher ficou marcada por um amor que podia ter sido completo, tropeçou no imponderável e caiu no vazio da separação. A velha e conhecida história da vida que podia ter sido e não foi eterno.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

O que é que a Paraíba tem?

Esta semana foi bem interessante, pois recebi convites de entrevistas de empresas diferentes em seus seguimentos jornalísticos querendo saber o mesmo tema: gastronomia paraibana.

A Paraíba é muito rica na sua área gastronômica, mesmo não estando hoje nos rankings de maiores produtores, mesmo assim sempre é lembrada e existem seus produtos em cada região.

Citando alguns vamos falar do abacaxi, banana, laranja, inhame, macaxeira... e por aí vai. O que me chamou mais atenção foi querer saber o prato típico de nosso Estado, mas isso vou falar no final.

Nós temos uma vertente sempre muito forte na gastronomia, partindo da Capital João Pessoa até a última cidade da Paraíba, que se chama Cachoeira dos Índios, já fazendo divisa com o estado do Ceará.

Então, existe procura por muitos pratos típicos da nossa região, porém essa gastronomia tem uma mistificação cultural dos indígenas e africanos, que no passado colocaram seus dotes de chefs de cozinha e criaram pratos fantásticos, que muitos vão salivar agora. Mungunzá doce e salgado, tapioca doce e salgada ou o beiju, cuscuz de várias formas e comidas de milho, buchada, rubacão ou baião – também chamado de baião de dois, variando em cada região – arroz da terra no leite, carne de sol na macaxeira cozida com manteiga da terra, galinha de cabidela, bode cozido... Mas, esses pratos não estão firmados na história da gastronomia tipicamente falada, não existem relatos que algum desses pratos sejam, verdadeiramente, típicos paraibanos.

Mas, um sim, este tem uma base de 99% de ser típico paraibano, e na minha posição de chef de cozinha vejo que ele é pouco divulgado e até pouco consumido pelos paraibanos. E o mais engraçado é que por se tratar de um prato completo, nos cardápios ele é colocado como um petisco, ou seja, um tira gosto, como se fala nas mesas dos bares. Será que você sabe qual é?

Bom, é um prato feito basicamente tradicional de feijão verde, farofa refogada, vinagrete com cebola roxa, e carne de charque. Se você falou Arrumadinho, então você acertou, só que este arrumadinho é o arrumadinho mesmo, não aquele que se mistura tudo. E ele vem separado em cada linha do prato o que é servido.

Em alguns lugares, houve adaptações para agradar a clientela, mudando o feijão para outro tipo, a mudança da carne para carne de sol ou linguiça calabresa, a mudança da cebola para a branca e da farofa refogada, para o cuscuz refogado e ovo picadinho.

Essa é a nossa gastronomia rica em valores, cultura, sabores, que hoje eu como chef de cozinha amo criar e adaptar sem fugir da origem com toque de cachaças, molhos de frutas locais. Amor a nossa terra é o que temos de melhor.

Viva a gastronomia de nossa região!



Foto: Divulgação

PRATO DO DIA

Arrumadinho paraibano

Ingredientes

- 700g de carne de charque ou de sol
- 300g de feijão verde
- 150g de farinha de mandioca refogada na cebola
- 4 dentes de alho picadinhos
- 2 tomates grandes picados
- 1 pimentão verde picado
- 2 cebolas roxas ou brancas médias picadas
- 1/2 maço de coentro picado
- Sal a gosto
- Azeite e vinagre suficientes para regar o vinagrete que acompanha o prato

Modo de preparo:

- Cozinhe o feijão em um litro de água com sal a gosto, e um pouco de coentro.
- Leve a charque para ferver em dois litros de água.
- Depois de levantar fervura, deixe ferver por mais dez minutos.
- Depois de cozida, corte-a em cubinhos.
- Refogue a charque na manteiga da terra no ponto que você queira.
- Para fazer a farofa, refogue na manteiga da terra os quatro dentes de alho bem picadinhos.
- Quando estiverem dourados, acrescente a farinha.
- Misture tudo e está pronta a sua farofa.
- O prato é servido com vinagrete: pique o tomate, o coentro e a cebola e tempere com sal, azeite e vinagre de seu sabor.
- O arrumadinho fica pronto ao decorar o prato: arrume conforme a fotografia, na seqüência de fileiras. Se você tiver Instagram, me marca no seu prato que vou repostar no meu stores: @waltinhoulysses

PITADAS A GOSTO

Há relatos que o arrumadinho teve sua origem nos anos 70, no Estado da Paraíba. No final da noite, em um bar e restaurante de comida regional, em uma última garrafa de cachaça na noite, um grupo de amigos chega ao local que já estava para fechar. Surge a pergunta: "O que tem aí pra comer?" "Acabou tudo, só tem um pouco de feijão verde e um resto de carne de charque, vinagrete e farofa", responde o garçom, ao ir perguntar a cozinheira do local.

"Então, você poderia arrumar tudo e trazer pra gente?" E a resposta do garçom foi imediata que sim. Aí surgiu o prato Arrumadinho, neste local, e ganhou espaço nos bares, restaurantes e botecos de todo Brasil.



Foto: Divulgação

QUENTINHAS

- Vou deixar uma dica bem importante: se eu fosse deputado estadual, eu colocaria um projeto onde todos os bares e restaurantes da Paraíba deveriam ter em seu estoque de bebida alcoólica o valor de 10% de cerveja zero álcool. Pois, evita que as pessoas que vão ao local não tenham a desculpa de ter bebido com álcool por falta da opção de ter a cerveja sem álcool. Essa é uma dica bem importante.

- Festival Gastronômico deve reunir 40 restaurantes da Paraíba – O maior festival de gastronomia do Brasil está de volta à Paraíba e terá uma edição especial em 2020 para incentivar o setor, auxiliando os restaurantes na retomada das atividades. Este ano, o festival Restaurant Week Paraíba acontece de 16 de outubro e 8 de novembro e deve reunir cerca de 40 restaurantes paraibanos, que vão preparar cardápios especiais completos (entrada, prato principal e sobremesa) a preços fixos de R\$ 43,90 para o almoço e R\$ 54,90 para o jantar. "Durante o evento, os principais restaurantes preparam, um menu especial, temático, com harmonizações diferenciadas e valor fixo, dando oportunidade para novos clientes provarem pratos, em diversos restaurantes, por um preço abaixo do normalmente praticado", explica Marina Sá, realizadora do festival na Paraíba. Entre os diferenciais da edição paraibana, estão o Prêmio Cantaloupe, votação dos melhores do Festival, com categorias como: melhor prato, melhor entrada, melhor sobremesa, melhor chef, melhor atendimento. Mais uma vez, o evento realiza uma ação social em parceria com a ONG Milagre Sertão, que promove soluções eficazes para atender e melhorar a qualidade de vida das famílias que sofrem com os efeitos da seca.